

P. Rosa M. Mar.



CRB

REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

Ano IX - N.º 93
Março de 1963

Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil

ANO IX

MARÇO DE 1963

N.º 93

SUMÁRIO

DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS	129	● As Ições de três novos Santos — Homenagem de S. S. João XXIII na canonização de Pedro Julião Eymard, Antônio Maria Pucci e Francisco Maria de Campo-rosso (9/12/62).
RECRUTAMENTO	133	● Preparação para o Seminário Menor na cidade e na zona rural — Pe. Frei Marcelo Gomes OFM.
EDUCAÇÃO	145	● Escola, Comunidade Missionária? — Pe. Hugo Paiva C. M.
ENSINO	153	● Breves considerações sobre o Latim, o grande injustificado do nosso currículo escolar — Irmão Emílio Athanásio F. M. S.
A COMUNIDADE PAROQUIAL	157	● VI — Consultar antes de decidir como método para educar a Comunidade — Pe. Leão Douvrin C.S.R.
VIDA ESPIRITUAL	163	● O único necessário (continuação) — Pe. João Ev. Betting C.S.R.
CONSULTÓRIO JURÍDICO	171	● Decisão importante da Santa Sé — Pe. Frei Francisco Xavier Bockey OFM.
ESTATÍSTICA	175	● Casas Religiosas femininas fundadas e fechadas em 1960 — Departamento de Estatística C. R. B.
SERVIÇO SOCIAL	183	● A Diretora no Pensionato — Apóstola e consagrada — Côn. Matagrín.
DEPART. DE VOCAÇÕES	188	● O Encontro Vocacional de São Paulo — Pe. Bertrand de Margerie S. J.
CRÔNICA	191	● Um Núcleo Secular exemplar — Irmã Maria Rita de Nossa Senhora M. J. Cr.
BIBLIOGRAFIA	192	

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil
Av. Rio Branco, 131 - 9.º andar — Rio de Janeiro — Brasil
Diretor Responsável: Pe. José Paulo Sales, C. M.

AS LIÇÕES DE TRÊS NOVOS SANTOS

Homilia de S. S. João XXIII na canonização de Pedro Julião Eymard, Antônio Maria Pucci e Francisco Maria de Camporosso (9-12-1962) (1)

O Concílio e a santidade da Igreja (2).

A cerimônia solene, durante a qual outorgamos as supremas honras da Igreja aos Bem-aventurados Pedro Julião Eymard, Antônio Maria Pucci, Francisco Maria de Camporosso, é daquelas que movem profundamente as almas. No momento em que perfazíamos este rito sobre a terra, era êle ratificado nos céus pelo Deus Altíssimo, no meio da alegria universal, que evocava à nossa memória e apresentava a nossos olhos esta nota de santidade que distingue a Igreja católica, Espôsa de Cristo.

Doce e agradável é para os católicos, em virtude da doutrina que professam, chamar de santa a Igreja que lhes é Mãe muito amada. Este título é confirmado por numerosos argumentos. Em primeiro lugar, seu Fundador é santo; é a própria fonte e modelo de santidade; devem, em segundo lugar, ser considerados como santos os meios de que se serve ela para conduzir à perfeição as almas destes filhos de que tem o encargo, em outras palavras: a graça divina e os sacramentos; santa também é a sua doutrina que recebeu do Cristo Jesus, que conserva inviolavelmente, que inculca incansavelmente às almas e que propaga o mais amplamente possível no mundo, enfim; um grande número de seus filhos que se assinalaram por suas insignes virtudes são publicamente proclamados como em posse da glória celeste.

Isto todos os cristãos o sabem e é-lhes certeza absoluta. Mas ninguém duvida que a vista deste magnífico espetáculo reforça ainda mais profundamente em suas almas a idéia de santidade da Igreja.

Doutra parte, esta cerimônia tem lugar oportunamente durante o Concílio Ecumênico Vaticano II, cuja função primordial é incontestavelmente dar sempre mais brilho e esplendor à pérola de santidade encaixada no diadema que adorna a frente da Igreja. Com efeito, esta grande assembléia de pastores sacros, unida ao Sucessor infalível de Pedro, propõe de novo e confirma as verdades imutáveis transmitidas pelo divino Mestre; mais ainda, traz à luz os meios sagrados que nos dão a graça divina e dela nos fazem participar e incita a recorrer-lhe sempre mais. A isso acrescenta preceitos que permitem aos cristãos levar uma vida mais perfeita. Por isso é que se deve dizer que o Concílio não tem outro intento se não mostrar que a Igreja de

1) Traduzimos de "Documentation Catholique", n.º 1.391 (6-1-63).

2) Esta primeira parte foi pronunciada em latim. Mil e quinhentos conciliares assistiam à cerimônia.

Cristo "possui tôdas as espécies de virtudes, qualquer nome que se lhe empreste, tanto em seus atos e palavras, quanto nos seus dons espirituais, de qualquer espécie" (cf. S. Cyrill. Hier., "Catecheses", Migne, P. G., XXXIII, col. 1044), para abrasar de santidade os filhos da Igreja aos quais o Redentor do gênero humano deu êste preceito: "Sêde perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito" (Mt 5, 48).

A primeira consequência bem natural disto é que os fiéis devem ser particularmente orgulhosos de ter uma tal Mãe, que deve ser admirada por todos pela incrível bondade que Deus lhe conferiu. Sua grandeza, com efeito, não provém das pérolas nem das pedras preciosas que o olho humano pode ver, mas do brilho e da graça que lhe advém do sangue de seu Fundador, e das virtudes insignes de um grande número de seus filhos.

A segunda consequência é que todos os que levam o nome de cristãos devem esforçar-se por levar uma vida que em nada contrarie a nobreza sobrenatural de sua Mãe e que não se afaste de seus preceitos nem de seus princípios. Ninguém tem o direito de afirmar que ama realmente sua Mãe se, por sua conduta, não teme desdourar em algo sua beleza.

Os três novos Santos (3)

Veneráveis Irmãos, caros Filhos,

Gostaríamos de continuar Nossa palestra, como uma espécie de entretenimento familiar, em lingua italiana, a fim de associar mais estreitamente à alegria íntima de Nosso coração os numerosos fiéis reunidos nesta basílica e todos os outros que seguem, pelo rádio, a sequência desta cerimônia.

A partir de hoje, a família inteira dos crentes contempla três novas estrêlas brilhantes no céu da santidade: São Pedro Julião Eymard, Santo Antônio Maria Pucci e São Francisco Maria de Camposso. E se as três famílias religiosas, de antiga e nova tradição — os Padres Sacramentinos, os Servos de Maria e os Franciscanos Capuchinhos — alegram-se da honra que lhes advém, com elas é toda a Igreja que se recolhe na prece junto aos novos santos, a fim de ter as primícias de sua intercessão e de seus celestes favores.

A figura luminosa de cada um dêles mereceria uma ilustração que, aliás, não deixará de ser feita em múltiplas formas, pela palavra e pela pena. Para Nós, apraz-Nos assinalar prontamente uma infinidade significativa de ensinamentos e de exemplos nestes três homens de Deus que são da mesma geração. Em sua existência terrestre, não obstante as diferentes funções correspondentes à vocação particular de cada um dêles, três notas sobressaem particularmente: vida eucarística, piedade marial muí terna, imitação do bom Pastor. Daí dimana para os fiéis e para a humanidade uma mensagem intensamente comovente.

3) A partir daqui, o Santo Padre se expressou em italiano.

A Eucaristia, fonte de toda a santidade

1. **Vida eucarística** primeiramente, pois a Santa Eucaristia é a fonte e o alimento de toda a santidade. Nosso Predecessor São Leão Magno dizia: "A participação no Corpo e no Sangue de Cristo não tem outro efeito senão de nos transformar naquele que recebemos" (Serm. LXIII, cap. VII; Migne, P. L., LIV, 357).

Esta transformação progressiva na própria vida do divino Salvador, oh! como é visível no admirável desenvolvimento das virtudes dos santos canonizados hoje.

E quantas relações de intimidade particular com Jesus Eucaristia descobrimos nessas sublimações! O nome de Pedro Julião Eymard basta para desvendar-nos aos olhos os esplêndidos triunfos eucarísticos aos quais, mal grado as provas e dificuldades de todo gênero, quis consagrar sua vida, que se prolongou no seio da família por êle fundada. Esta criancinha de cinco anos que se encontrou sobre o altar, com a frente apoiada na portinhola do tabernáculo, é a mesma que, em seu tempo, fundará a Sociedade dos Padres do Santíssimo Sacramento, assim como as Servas do SSmo. Sacramento, e fará raiar em inumeráveis falanges de Sacerdotes Adoradores seu amor e sua ternura pelo Cristo vivo na Eucaristia. Quanto ao santo pároco de Viareggio, não impregnou as associações de leigos por êle fundadas deste profundo espírito eucarístico que é a marca distintiva do cristão? Esta sede de apostolado eucarístico nascia dum coração repleto de amor por Jesus vítima. As testemunhas oculares legaram disto descrições comovedoras. Uma piedade eucarística idêntica caracterizava também o humilde Irmão esmoler Francisco Maria de Camporosso, que todos, apesar de seus protestos, chamavam de "Padre santo". E era com justa razão, porque sua passagem aqui na terra renovou o perfume dos "fioretti" franciscanos.

A vida eucarística é o segredo dos impulsos que alçaram êstes três religiosos até o cume da santidade.

Maria, Rainha dos Santos

2. **Piedade marial.** Ao lado de Jesus, está sua Mãe, Rainha de todos os santos, foco de santidade na Igreja de Deus e primeira flor de sua graça. Intimamente associada à Redenção nos desígnios eternos do Altíssimo, a Santa Virgem, como bem a cantava Severiano de Gabala, "é a Mãe da Saúde, a Fonte de luz tornada visível" (De Mundi Creatione, orat. VI; Migne, P.G., LVÍ, 498). A piedade filial apraz-se, pois, em considerá-la na base de toda a vida cristã, pronta para assegurar-lhe o desenvolvimento harmonioso e co-roar-lhe a plenitude pela sua maternal presença.

Desta forma, não surpreende reencontrar a Santa Virgem Maria na vida dos três novos confessores que acompanha ternamente passo a passo. São Julião Eymard propõe-na como modelo dos adoradores, invocando-a sob o título de "Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento"; Santo Antônio Ma-

ria Pucci, fiel às tradições de sua Ordem, faz da sede de seu apostolado à cidade de Nossa Senhora das Dôres, em Ihe confiando cada uma das emprêsas mais árduas de seu ministério sagrado; São Francisco Maria de Camporosso, com um filial ardor, não teme enviar-lhe os abandonados e os aflitos. Não lhes dizia, por acaso: "Ide em meu nome à Virgem das Graças. Dizei-lhe que é seu servo Francisco que vos envia"?

Oh, que devoção anima os santos em seu arrebatamento sobrenatural de confiança na intercessão da Mãe de Deus e nossa Mãe. Esta delicada piedade marial tem certamente favorecido a efusão da alegria de hoje.

A imagem do Bom Pastor

3. Imitação do Bom Pastor. Sòmente um de nossos canonizados teve diretamente o encargo da cura de almas, reproduzindo na terra italiana os exemplos do Santo Cura d'Arç; mas, os três refletem com uma fidelidade admirável a imagem do Bom Pastor. Este aspecto pastoral nos dá uma grande consolação, no fim da primeira sessão do II Concílio Ecumênico do Vaticano, que o Senhor quis para uma renovação geral de tôdas as formas de vida cristã.

Esta irradiação pastoral — de que os novos santos fornecem-nos um testemunho — pode definir-se na formação de bons sacerdotes, na alma fervorosa dos adoradores, cujas falanges se multiplicaram no mundo inteiro e que oferecem em nossos dias, em Roma, em seu Congresso internacional, o espetáculo edificante de sua piedade. Esta irradiação se exprime, doutra forma, no fervor das missões populares, forma direta e eficaz de catequese evangélica, e nas outras instituições de caráter paroquial, que foram como que a aurora promissora das organizações de Ação Católica. Em têrmos simples, esta irradiação se chama apostolado do bom exemplo, exercido com um zêlo incansável para semear nas almas o amor de Cristo e suscitar nelas resoluções sérias, solenes e sólidas. O cuidado constante da caridade para com os pobres, de que a vida dos novos santos nos oferece exemplos comoventes, é em si mesmo uma forma mui elevada de imitação do Bom Pastor, que expande sua doce influência nas almas e constitui para elas um testemunho concreto e comovente, como a resposta às palavras de São Paulo: "Amou-nos e ofereceu-se por nós" (cf. Col 2, 26).

São Pedro Julião Eymard, perfeito adorador do Santíssimo Sacramento (4).

Queremos acrescentar agora uma palavra para os peregrinos de língua francesa, vindos para assistir à glorificação de São Pedro Julião Eymard, sacerdote, confessor, fundador de duas famílias religiosas consagradas ao culto do Santíssimo Sacramento.

É um santo que Nos era familiar desde há longos anos, como sempre dissemos, quando a Providência Nos forneceu a honrosa ocasião, no tempo

4) Dêste ponto o Santo Padre falou em francês.

de nosso serviço na nunciatura apostólica na França, de Nos dirigirmos à sua cidade natal, a La Mure-d'Isère, perto de Grenoble.

Vimos ali, com nossos olhos, o pobre leito, a modesta cela onde êste fiel imitador de Cristo entregou sua bela alma à Deus. Podeis adivinhar, caros filhos, com quanta emoção evocamos esta lembrança no dia em que Nos é dado outorgar-lhe as honras da canonização!

O corpo de São Pedro Julião Eymard é conservado em Paris. Mas o santo está presente também em Roma, na pessoa de seus filhos, os Padres do Santíssimo Sacramento; e é ainda uma lembrança bem doce para Nós evocar as visitas que fazíamos de há muito à sua igreja San Claudio dei Borghi, para Nos unir durante alguns instantes às suas silenciosas adorações.

Ao lado de um São Vicente de Paulo, de um São João Eudes, de um Cura d'Ars, Pedro Julião Eymard entra hoje na falange destes astros resplandecentes, que são a glória e a honra incomparáveis do país que os viu nascer, mas cuja benéfica influência se exerce muito além: na Igreja inteira.

Sua nota característica, a idéia diretriz de tôdas as suas atividades sacerdotais foi, podemos asseverar, a Eucaristia: o culto e o apostolado eucarísticos. Temos prazer em sublinhá-lo aqui, diante dos Padres e das Servas do SSmo. Sacramento, em presença também dos membros duma associação que é cara ao coração do Papa, a dos Sacerdotes Adoradores, reunidos em Roma nestes dias e vindos numerosos honrar êste grande amigo da Eucaristia.

Sim, caros filhos, honrai e festejai conosco aquêle que foi um perfeito adorador do SSmo. Sacramento; e a seu exemplo, colocai no centro de vossos pensamentos, de vossos afetos, dos empreendimentos de vosso zêlo, esta fonte incomparável de tôda a graça: o **Mysterium Fidei**, que esconde sob os véus o próprio Autor da graça, Jesus, o Verbo incarnado.

O dom da paz (5)

Veneráveis Irmãos e caros filhos, tais são as elevadas lições da tríplice canonização de hoje. Nossos corações estão cheios de alegria e de emoção, e de nossos lábios se eleva um canto de louvores e de ação de graças ao Senhor que deu um nôvo esplendor à face da Igreja no ano do Concílio Ecumênico.

5) Esta Conclusão foi proferida em italiano.

São Pedro Julião Eymard, nascido em La Mure-d'Isère a 4 de fevereiro de 1811, após superar uma grande oposição familiar, conseguiu entrar no seminário de Grenoble em 1831. Foi ordenado sacerdote em 1834. Vigário em Chatte, depois pároco em Monteynard, entrou para a Sociedade de Maria. Foi sucessivamente diretor espiritual em Belley, provincial em Lião, superior do colégio de La Seyne-sur-Mer. No Santuário de Fourvière, em Lião, teve a inspiração de fundar uma congregação consagrada à adoração perpétua do SSmo. Sacramento e ao apostolado eucarístico. A fundação dos Religiosos do SSmo.

Os novos santos confesores, Pedro Julião Eymard, Antônio Maria Pucci, Francisco Maria de Camporosso, cercai êste altar da Confissão de São Pedro durante a celebração da Santa Missa. Por vossa intercessão, conservai em nossos corações o extraordinário fervor desta hora histórica, obtendo para a humanidade os dons copiosos da paz celeste, que em Jesus Cristo têm seu fundamento, sua lei, sua garantia; êstes dons da paz que são a alegria da Igreja, o reconforto dos pastôres, a honra do clero e do santo povo de Deus. Amem, Amem.

Sacramento deu-se em Paris, em 13 de maio de 1856, e das Servas do SSmo. Sacramento um pouco mais tarde. A seguir a obra se expandiu sob a forma da **Agregação do SSmo. Sacramento**, destinada a unir os padres seculares e os fiéis adoradores das duas congregações. O Pe. Eymard morreu em 1.º de agosto de 1868, e foi beatificado por Pio XI, em 1.º de julho de 1925.

Sua obra eucarística estendeu-se pelas cinco partes do mundo, tanto pelas duas congregações que fundou, como pelos milhares de adoradores da Obra da Agregação. A Congregação dos Padres do SSmo. Sacramento conta atualmente com 1.600 membros. As Servas do SSmo. Sacramento contam perto de 600 religiosas. Quanto à Associação dos Sacerdotes Adoradores, ultrapassa os 120.000 membros repartidos pelo mundo inteiro.

Santo Antônio Maria Pucci (seu nome de batismo é Eustáquio) nasceu em 16 de abril de 1819, em Poggiola di Vernio (Toscana). Ingressando na idade de 18 anos na Ordem dos Servos de Maria, foi ordenado sacerdote em 24 de novembro de 1843. Durante quarenta e cinco anos foi pároco de Viareggio, perto do Mar Tirreno. Esteve na origem de numerosas iniciativas pastorais e apostólicas, em sociedades já existentes, criando novas, organizando cursos de formação profissional e religiosa para os jovens. Morreu em Viareggio, em 12 de janeiro de 1892.

São Francisco Maria de Camporosso (Giovanni Croese) nasceu em 27 de dezembro de 1804, em Camporosso, perto de Bordighera, na Riviera italiana. Passou sua juventude guardando os rebanhos. Após um ensaio junto aos Menores Conventuais entrou, em 1825, no noviciado de São Bárnaba dos Padres Capuchinhos de Gênova, onde tomou o hábito com o nome de Francisco Maria, e fêz profissão em dezembro de 1826. Transferido logo para o convento genovês da Imaculada, deveria permanecer ali até a morte. Durante sete anos se lhe confiaram trabalhos modestos dos Irmãos conversos. Depois seus superiores lhe deram o cargo de irmão esmoler. Mais que simples esmoler, foi um verdadeiro apóstolo que evangelizou as ruas, as praças e mesmo os cabarês. O "Padre Santo", como apelidavam-no, tornou-se popular em todos os bairros menos favorecidos de Gênova. Tinha um verdadeiro carisma para consolar os miseráveis, os doentes, os sofredores. Quando se alastrou a epidemia da cólera, em 1866, o Irmão se ofereceu como vítima para a cessação do flagelo. Pagou com sua pessoa cuidando dos doentes e faleceu a 17 de setembro de 1866.

Seu túmulo, na Igreja da Imaculada Conceição, em Gênova, é um centro de peregrinação. O "pequeno pobre de Cristo" — assim foi denominado na inscrição funerária — foi beatificado por Pio XI em 30 de junho de 1929.

RECRUTAMENTO VOCACIONAL

PREPARAÇÃO PARA O SEMINÁRIO MENOR NO CIDADE E NA ZONA RURAL

Pe. Frei Marcelo Gomes O.F.M.
do Secret. Provinc. das Vocações Franciscanas-S?

Situando o problema

Estamos diante de meninos que já se pronunciaram por diante acêrca de sua vontade de se tornarem padres. O primeiro passo, o da propaganda, já foi feito. O nosso tema pressupõe ainda uma outra coisa: o **princípio** de que uma preparação preseminarística é útil ou até necessária. O menino que quer ser padre nem sempre tem clareza acêrca do que pretende, ou faltam-lhe, em parte, as qualidades necessárias que talvez possam ser adquiridas antes de entrar para o Seminário. O princípio, aqui pressuposto, se irá evidenciando ao correr do desenvolvimento da primeira parte deste trabalho, a qual tratará do **objeto** da preparação pre-seminarística. Esclarecido este ponto, procuraremos responder **como** se poderá realizar praticamente essa teoria, levando em conta o ambiente citadino e o rural.

I. Objeto da preparação pre-seminarística

Queremos preparar para o ingresso no Seminário menor um presumível vocacionado, que chamaríamos de vocacionável, ou ainda de **terceira** vaga, de candidato. Está-se, portanto, diante de um "puer catholicus" de uma parte, e da vocação, de outra, perfazendo uma unidade vital. Nosso intuito é o de potenciar as partes integrantes dêste composto, procurando dar-lhes estrutura suficientemente resistente, não só para enfrentar os primeiros embates ao entrar no Seminário, mas também para proporcionar uma base sólida para a ulterior obra educativa.

Outra finalidade da preparação pre-seminarística é de caráter **negativo**, isto é, descobrir eventual inabilidade de algum candidato. Isso, porém, só se torna possível através de um contato maior e mais consciente com o candidato.

Não houvera outro resultado dêste período de preparação, já seria o bastante para que procurássemos realizá-lo. A preparação conscienciosa leva à **seleção**. Seleção esta, que, às vêzes, se dá espontâneamente, porque muitos dos prios candidatos vão-se afastando à medida que se dão conta das exigências que lhes são postas.

Como será, pois, esta preparação?

Para sermos objetivos, partiremos do próprio **conceito** de vocação. Para que haja vocação são necessários os seguintes elementos:

1) vontade de se tornar padre, movida por motivos sobrenaturais (recta intentio);

- 2) qualidades psico-físicas;
- 3) qualidades morais e religiosas;
- 4) qualidades jurídicas;
- 5) aceitação da Igreja;
- 6) graça de Deus.

Poderíamos discutir escolásticamente a ordem desses elementos, o seu desdobramento em outros ou a sua junção em itens mais globais. O que interessa aqui, porém, é o aspecto prático: vejamos como a nossa ação preparatória pode incidir sobre cada um desses elementos para melhorá-los, tornando possível uma verdadeira vocação embora inicial e presumível. O resto se fará no Seminário.

1) Vontade movida por motivos sobrenaturais.

O candidato já manifestou o seu desejo de seguir a carreira sacerdotal. É absolutamente necessário que o seu ato de vontade seja forte e esclarecido, pois de sua parte humana é a maior contribuição que pode dar. É preciso que o ato não seja mera veleidade. O que faz a vontade abraçar um objeto é o seu aspecto de bem aceito ou de valor. No caso, serão os vários aspectos do sacerdócio que se apresentam como valores e que levam alguém a amar a vocação sacerdotal. Há portanto necessidade de aprofundar esses motivos, muitas vezes entendidos pelo menino de um modo muito imperfeito, nebuloso e implícito, mais por instinto do que por reflexão. Esses motivos desaparecem facilmente, por insuficientes sob vários aspectos, diante de eventuais emoções ulteriores mais fortes. Preparando portanto esse aspecto do candidato, poderia repassar com ele uma longa lista de valores, comentando-os brevemente e pedindo que ele escolha o que mais lhe condiz. Outro método seria o de perguntar o que mais o entusiasma no sacerdócio, e em seguida desdobrar esse aspecto, aprofundando-o, exemplificando, ampliando. A vontade do candidato se tonificará ao contato desses bens propostos com clareza, objetividade e calor. Não só o menino saberá melhor o que quer, mas também sentirá maior inclinação ao sacerdócio. Já não será mais uma questão de sentimento ou de intuição, mas de um querer esclarecido e afervorado. Só este querer é capaz de resistir aos primeiros embates no Seminário e fará com que o candidato não meça sacrifícios para bem se preparar, proporcionando-lhe maior capacidade de absorção de ulteriores instruções no Seminário.

Não havendo reação, ou sendo esta fraca em relação a esse tratamento, pode-se duvidar, *positis ponendis*, da aptidão do candidato.

Acho ainda importante o seguinte: a apresentação dos bens vocacionais, como motivos, deve ser feita sob o aspecto de **valor** também **subjetivo**. A criança é egocêntrica por natureza. Por isso, é preciso fazer-lhe ver as vantagens que lhe advêm por meio desses valores, que o tornam realmente importante e grande.

É preciso infundir ainda entusiasmo, aceitação animada e vibrante. Provoque-se positivamente a aceitação, como conclusão de cada instrução, para que o seu resultado seja vital, efetivo e permanente.

2) Qualidades psico-físicas

O primeiro ato "preparatório" em relação a essas qualidades será o de verificar se elas de fato existem ou não no candidato. Poderíamos enumerar as seguintes qualidades sobre as quais se possa agir preparatoriamente:

- a) normalidade do sistema nervoso (do menino e dos parentes)
- b) normalidade da vida sentimental
- c) normalidade da faculdade volitiva
- d) normalidade do intelecto
- e) saúde normal (própria e dos parentes)
- f) ausência de defeitos.

Quando é notado algum defeito acentuado do **sistema nervoso**, tanto no menino quanto nos parentes próximos, a melhor atitude nossa será a de dissuadir. As experiências têm mostrado quanto é freqüente uma recaída depois de um tratamento, mesmo bem sucedido. Devemos olhar as cousas mais de cima e, em vez de procurar salvar candidatos duvidosos, empregue-mos esforço para os termos mais numerosos, a maior escolha, pois a vocação sacerdotal, quanto à sua finalidade, é comunitária e não individual. Há porém casos mais simples, em que certos tiques ou agitação vêm simplesmente de verminose ou da falta de alimento adequado. O tratamento poderia resolver o problema, mas fica sempre o precedente de uma tendência perigosa, que pode voltar. Quanto ao sistema nervoso, portanto, a preparação é mais negativa, mas importantíssima, pois muitas dessas manifestações mórbidas só vêm a manifestar-se após maior convívio com o menino e sua família.

Quanto à normalidade da **vida sentimental**, o procedimento será o mesmo que o anterior: observação para seleção. Excessiva irritabilidade, brutalidade, falta de compaixão, exagerada imposição de si mesmo, excesso de ternura, medo, covardia pronunciada, insensibilidade diante de ações e gestos nobres, podem ser simples influência distorciva do ambiente, e portanto corrigíveis, mas podem também ser constitucionais e perigosos, tornando impossível a vocação.

Em caso de distorção educativa, não havendo reação ao tratamento preparatório, é melhor eliminar.

O modo de agir em relação à **faculdade volitiva** deve ser também o de testar para excluir os constitucionalmente fracos. Os preguiçosos contumazes, não só nos estudos, mas nos deveres domésticos e outros compromissos, devem ser excluídos. Os de força média devem ser estimulados a viverem de acordo com o ideal que se propõem. E aí estamos num ponto importante. Muitas vezes a vontade se mostra fraca por falta de estímulo. O candidato em preparação deve necessariamente mudar de atitude. Deve ficar diferente, se quer de fato viver em função de seu ideal. Uma das grandes finalidades do período de preparação será a de ligar os atos da vida diária com o ideal, e fazer com que assim aos poucos se transfigurem. Não mais preguiça, não mais moleza, não mais desobediência, não mais fuga generalizada de tudo o que é difícil e penoso! Esse deve ser o "slogan". É claro que isso não irá de uma hora para outra. Lá estaremos para ajudar. Mas

se não houver apreciável reação, podemos estar certos de que não há sinal positivo de vocação, embora possa haver uma certa vida de piedade. Eis portanto um vasto campo de ação preparatória: fortificação da faculdade volitiva.

A ação preparatória sôbre o **intelecto** do candidato é também em primeiro lugar seletiva. O exame dos cadernos, o atestado do professor, alguns testes de inteligência, o conhecimento do C. I. da família poderão fazer excluir, depois de algum tempo, os menos dotados que iriam ocupar inútilmente o lugar de outros. O segundo passo será o de estímulo e orientação nos estudos. Aí também, não se observando uma reação suficientemente favorável, melhor é fazer esperar para mais tarde, ou excluir. Às vêzes, pode ser necessário dar um professor particular para melhorar o nível. O esforço despendido pelo candidato nesse sentido, não só lhe dará boa base para a consecução de seu ideal, como contribuirá positivamente para firmá-lo. Esse setor preparatorio é muito benéfico e relativamente fácil de pôr em prática. Algumas aulas prévias de latim ao ingressar no 1.º ano do ginásio, costumam ter muito boa influência sôbre o candidato, além de nos fazer conhecer melhor o seu interêsse e capacidade. São também um bom auxílio para as primeiras semanas de Seminário.

Não devemos esquecer de preparar os nossos candidatos no que diz respeito à **saúde**. Há muitas doenças e defeitos que podem e devem ser remediados na época pre-seminarística: verminose, hepatite, fimose, cárie dentária, inflamação das amígdalas, etc. A preparação, no caso, será de promover um bom e completo exame médico e vigiar rigorosamente os eventuais tratamentos.

3) Qualidades morais e religiosas

Há uma série de qualidades que são absolutamente necessárias para que o candidato esteja habilitado a possuir genuína vocação. Entre outras destacarei as seguintes:

a) qualidades morais

- bondade (caridade)
- generosidade
- castidade
- sinceridade
- idealismo
- obediência

b) qualidades religiosas

- piedade (amor à oração e freqüência aos sacramentos)
- temor de Deus
- horror ao pecado
- amor às almas

E' evidente que essa lista poder ser aumentada. Quis apenas citar as que julgo mais importantes e sôbre as quais pode incidir a nossa ação preparatória. A ausência absoluta de uma dessas qualidades, ou um gráu acen-tuado de incapacidade para adquiri-las, constitui critério seguro de que o material humano não se presta para a alta construção vocacional. Só através de um convívio maior e do testemunho dos pais, parentes, vizinhos e pro-

fessôres, viremos ao conhecimento das lacunas. Todo o nosso empenho será então de estimular essas qualidades por meio de instruções e exercícios práticos, tarefas, das quais o candidato deverá dar contas detalhadas. A maior ou menor reação do candidato a êsse tratamento nos dará um critério bastante objetivo acêrca da qualidade do candidato. Onde não há reação, podemos estar certos, não há vocação, ao menos por enquanto. E se o candidato não reage favoravelmente nessa época de entusiasmo e novidade, como poderemos esperar razoavelmente que o faça depois, no Seminário, em dias de rotina?

4) Qualidades jurídicas

Os itens indicados pelo CDC e pelas leis particulares de cada Ordem ou Congregação religiosa podem mais facilmente ser constatados na fase pre-seminarística do que no Seminário, devido à maior possibilidade de contato com os pais e parentes do candidato. Haverá talvez casos em que se possa ainda fazer um saneamento quando necessário. E' êsse também o tempo ideal para coligir os documentos exigidos pelo Seminário.

5) Aceitação da parte da Igreja

Êste elemento vocacional não oferece maiores dificuldades, uma vez que tudo esteja em ordem. Devemos fazer o candidato sentir claramente que a sua aceitação é condicionada, e que haverá muito trabalho a fazer, antes de entrar no Seminário. Aos olhos do mesmo, isso dará maior importância ao Seminário, e, de sua parte, se sentirá desafiado ao heroísmo, o que constitui elemento apreciável para firmar a vocação.

Pode-se também, nessa época, mostrar como êle pode escolher entre o clero regular e secular, e entre as várias Congregações e Ordens, conforme a sua inclinação e aptidão.

6) A graça de Deus

Vocação é graça. Não é só preciso que o candidato disso esteja plenamente convencido, mas também que sinta necessidade de obter essa graça de Deus. Dois são os modos indicados: a colaboração com a nossa ação preparatória e a oração. Como Deus pode dar a sua graça preciosa a quem não se prepara condignamente e a quem não a pede? Iremos ajudar o candidato a encontrar meios aptos de oração e eficiência na recepção dos sacramentos. Frouxidão nessa parte pode indicar que, ao menos temporariamente, não há condições para vocação.

7) Preparação para a vida dentro do Seminário

O candidato sofrerá vários impactos ao ingressar na vida de Seminário: saudades, vida comunitária, falta de carinho, brincadeiras de mau gosto, isolamento, dificuldade nos estudos, cerceamento da liberdade, silêncio, disciplina, tentações, etc. Essas dificuldades, se conhecidas e resolvidas antes de entrar no Seminário, já estarão vencidas pela metade. Não devemos esconder as dificuldades, mas encontrar, com o candidato, meios de vencê-las, e estimulá-lo a enfrentá-las resolutamente.

Falar freqüentemente sobre diversos aspectos da vida no Seminário, mostrar fotografias e revistas, é ótimo estimulante.

Visitas planejadas ao Seminário, acompanhadas de explicações bem

pensadas e de exercícios de piedade, são de especial valor preparatório.

Não se deve porém parar nesse aspecto negativo de evitar dificuldades, precisamos ser positivos em nossa preparação, procurando por todos os meios instilar no coração do menino o desejo vivo de tornar-se um ótimo seminarista.

Valor da ação preparatória

Creio que, no correr destas considerações, tenha aparecido de um modo razoavelmente claro, a necessidade, ou ao menos a grande utilidade de uma séria preparação que resultará, em primeiro lugar, em seleção, e depois em potenciamento dos requisitos à vocação. Essa necessidade, ou respectivamente utilidade, se torna ainda mais persuasiva, se considerarmos duas cousas: a) o momento psicológico que favorece o esforço do candidato a pôr-se à altura do ideal que almeja. De fato, a expectativa de entrar para um mundo diferente faz vibrar até o íntimo a maior parte dos candidatos, e assim há um despertar de forças latentes, um abandono da rotina. A condicionalidade da entrada ao Seminário constitui um desafio a pôr em ação tôdas as energia. O aproveitamento da idéia-fôrça vocação é um poderoso estímulo para pôr em dia muitas velhas cousas que nem a vara não conseguia. Essas circunstâncias psicológicas extremamente favoráveis aumentam ao contato com a pessoa encarregada da preparação; e, dirigidas por ela, podem alcançar alto grau de eficiência. b) Outro elemento que mostra a oportunidade de uma preparação pre-seminarística é o fato que, depois que os meninos entraram para o Seminário, torna-se mais difícil excluí-los por dúvida de aptidão. Ao passo que, no período da preparação, sem sombra de compromissos, isso se processa naturalmente. Além disso, nos Seminários, os responsáveis se vêem de tal maneira ocupados com a rotina da preservação da ordem, da alimentação, do estudo, do horário, etc. que às vêzes se esquecem de uma orientação vocacional pròpriamente dita. Há mesmo casos em que o simples fato de alguém ter entrado no Seminário já é considerado sinal de ter vocação.

Tem-se o conceito da vocação-coisa, e não de um conjunto vivo, móvel, evolutivo, influenciável de elementos de ordem espiritual, natural, moral, social e ambiental. Acontece por isso que a falta de preparo antes da entrada no Seminário, pode trazer, como conseqüência, uma derrocada dos poucos e fracos elementos que constituíam a vocação inicial.

II. Como realizar a preparação pre-seminarística?

1. Nas cidades

Os chamados "clubes vocacionais" do sistema americano aqui não entram em consideração, porque, embora sejam ótima preparação, mais constituem um método de propaganda e esclarecimento do que formação específica de quem já se decidiu.

Para a nossa finalidade também se criarão clubes ou círculos ou associações, onde se agrupam candidatos que querem entrar para o Seminário ou, no mínimo, sejam fortemente simpatizantes. A formação de tais grupos é absolutamente necessária para efeitos de uma preparação séria e comple-

ta. Há certamente ambientes que favorecem indiretamente a preparação, de modo aliás muito eficiente, como o grupo organizado de coroinhas, da Cruzada Eucarística, ou da Legião de Maria. Mas nesses últimos, a preparação não é suficientemente específica; só na falta de melhor pode ser aceita para a nossa finalidade.

O contato do candidato com o procurador de vocações sob o aspecto específico de vocação é simplesmente necessário para uma boa preparação. Esse encontro deve ser feito no mínimo de 15 em 15 dias. O que nos falta no momento é um **roteiro** prático e sugestivo que nos desse material fácil e completo, um verdadeiro manual. Para a procura ou propaganda vocacional já o temos nos livros extraordinários do Pe. Poage (Recrutando para Cristo e Mais Vocações). Como base de um curso de preparação pode servir o **Pequeno Catecismo da Vocação Sacerdotal** publicado pelo Secretariado Nacional de Vocações Sacerdotais (S. Paulo).

Como ordem da reunião, poderiam talvez servir os seguintes pontos:

- a) recitação da oração vocacional — cântico vocacional
- b) recolher os tesourinhos espirituais
- c) comentário sobre os mesmos
- d) tomar a lição do Pequeno Catecismo da Voc. Sac. (alguns números sabidos de cor)
- e) explicar os números seguintes do mesmo Pequeno Catecismo
- f) história da vocação de um santo da Igreja ou da Bíblia
- g) motivação vocacional (porque quero ser padre?)
- h) alocução sobre algum requisito para a vocação, mormente sobre as qualidades religiosas e morais
- i) exame dos cadernos escolares
- j) distribuição de leitura espiritual (biografias em geral; Série Sagrada)
- k) algum aspecto do Seminário (casos, cenas, fotografias, instituições)
- l) exortações gerais: não deixar de rezar todos os dias pela vocação, lembrar-se da vocação durante o dia e tirar as consequências, caprichar no tesourinho, etc.
- m) oração final e bênção sacerdotal.

Sei que a opinião sobre o uso de tesourinhos espirituais é bastante divergente. Segundo alguns, podem levar à hipocrisia ou fingimento; à vaidade, e até à mentira. Tal possibilidade existe. Mas, de outra parte, há consideráveis vantagens. A criança age, com maior facilidade, quando tem diante de si uma finalidade concreta e palpável, quando há um estímulo externo. Nós, como procuradores, precisamos conhecer de perto o candidato. Para alcançar a vantagem e evitar os perigos, pode-se proceder da seguinte forma: nas primeiras semanas, os tesourinhos podem vir assinados, para facilitar eventuais explicações; depois, cada qual põe, em lugar do nome, um número à escolha entre 1 e 100, cada vez diferente, de forma que, quando se faz o comentário, só o respectivo sabe que se trata do dêle, sabendo que nem nós não sabemos de quem se trata. Os comentários costumam ser elogiosos para quem trabalhou bem, e de reprimenda para quem foi negligente. Aproveita-se a ocasião para instruir como fazer praticamente as cousas e o

seu valor em relação à vocação e ao bem das almas imortais que um dia vão salvar aos milhares.

Outra questão conexa com as reuniões é a oportunidade ou não do jôgo. Pessoalmente achamos que não convém concedê-lo. Precisamos evitar qualquer equívoco quanto à intenção dos candidatos, e a atração de um jôgo certo e organizado é tão grande que facilmente pode falsear as verdadeiras intenções. É preciso notar que o nosso grupo não é um grupo aberto, mas de um reduzido número de elementos que se estão preparando para entrar no Seminário. Achamos que a reunião sem jôgo corre mais despreocupada e mais espiritual, e exige maior heroísmo e perseverança. É bem verdade que o jôgo é uma ocasião em que, com facilidade, se conhecessem os caracteres. Por isso pode ser concedido à maneira de exceção, como campo de atenta observação. O melhor sistema me parece ser o de promover piqueniques, onde não só ocorre o jôgo, mas inúmeras ocasiões de servir e de colaborar. Onde isso fôr possível, seja promovido ao menos de dois em dois meses.

A maior dificuldade para a realização desses grupos de preparação é que os padres estão de tal forma ocupados que não podem assumir mais esse compromisso, ou se o assumem, o realizam tão descontinuadamente, que se torna uma escola de despreparo. Para vencer essa dificuldade, pode-se recorrer às Religiosas. Em geral, elas são providas de muito zêlo, acham honroso contribuir para tal obra, têm muita perseverança, o seu horário é mais fixo, as transferências não são tão frequentes quanto as nossas. Acresce ainda serem dotadas de uma intuição muito acertada no julgamento dos meninos. Uma religiosa, amparada e instruída por um procurador regional ou provincial, poderá fazer maravilhas, e, em geral, o seu entusiasmo se difunde na respectiva comunidade. Na falta de Religiosa, também uma professora qualificada ou outra pessoa de certa instrução e piedade, bem orientada, poderá tomar o lugar deixado vago pela deficiência do trabalho sacerdotal. Nesse caso, ainda mais se impõe a necessidade de um Manual.

Além do método completo e fundamental de um grupo em preparação com as suas reuniões periódicas, há ainda uma série de recursos subsidiários de preparação, muito bons e às vezes até indispensáveis:

- o contato com pais, parentes e professores, e até a reunião dos pais é um meio excelente não só para conhecer o candidato, senão também para angariar outras forças preparatórias auxiliares;
- ensinar a ajudar a missa — ajudá-la com compreensão — aproxima do ideal;
- fazer o candidato participar de alguma associação ativa: Cruzada ou Legião de Maria infunde amor às almas e senso de responsabilidade;
- convidar para acompanhar o padre em alguma ação pastoral, entusiasmo e estimula o espírito de aventura;
- pedir a colaboração para alguma obra religiosa ou paroquial aumenta o interesse pelas cousas da Igreja;
- visita dirigida ao Seminário;
- correspondência com seminaristas;
- missa comunitária para o grupo;

- celebração ativa do 1.º sábado;
- retiro especial, sobretudo antes da partida;
- tardes de formação;

Entre todos os meios subsidiários, achamos que o melhor é o **estágio** do grupo completo dos candidatos no próprio Seminário por vários dias, onde especialistas possam examinar e observar de perto os meninos. Só achamos que esse estágio deveria ser feito no meio do ano, para assim possibilitar o modo de preencher eventuais lacunas, e para que o corte de algum elemento não seja tão chocante, como é no começo do ano. Só este assunto poderia servir de tema para interessantes e proveitosos debates.

2. Na zona rural

A maior parte de nossas vocações vêm do ambiente rural, onde os costumes e a piedade são mais bem preservados, e onde a possibilidade de progresso na vida é muito diminuta e por isso o sacerdócio representa uma extraordinária promoção.

Se os clubes ou reunião dos vocacionáveis já representa um certo problema nas cidades, na zona rural então este método se torna praticamente impossível.

O padre, apenas de passagem, se afoga nas múltiplas tarefas pastorais do momento, e nem sempre tem suficiente interesse e ciência para realizar uma preparação em regra.

Faltam muitas vezes pessoas mesmo de instrução média. Onde há Irmãs Catequistas, não há problema. As professoras às vezes são atrasadas ou não se interessam pelo problema.

O número dos vocacionáveis é às vezes reduzido, tratando-se, não raro, de um só elemento.

As distâncias e meios de comunicação também dificultam.

Que fazer, pois, pela preparação pre-seminarística dos nossos candidatos da zona rural, globalmente tão numerosos e qualificados?

Levando em conta todos os elementos negativos apontados, o melhor método que se nos afigura é o da **Cartilha Vocacional**, concebida da seguinte forma:

Dos vários aspectos que interessam na preparação do candidato, serão elaboradas lições ou leituras. Depois de cada lição, haverá uma série de perguntas e respostas, das quais o candidato deve **dar conta ao padre** na sua visita à capela. Este método tem a vantagem de pôr o candidato em contato com o padre, o que é imprescindível para uma boa preparação. Ao mesmo tempo, deixa a iniciativa ao menino ou a seus pais, de forma que o padre, mesmo atarefado, não se poderá esquecer do candidato, e aos poucos o conhecerá mais de perto e acabará por se interessar por ele.

Haverá um apêndice de formulários de tesourinhos espirituais com muitas possibilidades de atividade espiritual, que também deve ser visado pelo padre.

Para auxiliar os pais na sua tarefa preparatória, haverá um capítulo especial para eles, dando orientações bem concretas.

Um pequeno devocionário completará a obra, fornecendo orações para o menino e para os pais.

Essa Cartilha já está sendo confeccionada. Esperamos lançá-la antes de meados do ano. Foram evitadas referências concretas a Ordens e Congregações, de forma que pudesse servir a todos.

Em caso de faltar absolutamente o padre para tomar a lição, isto pode ser feito por outra pessoa do lugar, instruída para tal.

No interior, êsse método nos parece o mais acertado, e pode ser secundado por **outros meios subsidiários**, na medida do possível:

- convocação periódica regional dos vocacionáveis;
- visita e instrução aos pais (folheto);
- correspondência sistemática de instrução e exortação, entre o candidato e o procurador regional ou provincial;
- correspondência com um seminarista;
- aproveitamento dos padres e seminaristas em férias;
- estágio no Seminário ou outro local central;
- dar trabalhos na igreja e outras tarefas de apostolado;
- fornecer mais literatura vocacional (Série Sagrada, Pequeno Catecismo da Voc. Sacerdotal, Biografias em geral);
- correspondência do procurador regional ou provincial com a professôra ou pessoa encarregada;
- contato do procurador provincial com os procuradores locais.

Conclusão

Através das considerações sôbre o que podemos fazer para melhorar os nossos candidatos antes de entrarem no Seminário, parece que ficou claro que há uma grande tarefa a realizar neste sector. Não há um só elemento componente da vocação que não possa ser beneficiado por uma preparação inteligente. Êste trabalho é rendoso porque encontra um ambiente psicológico favorável. Nas cidades, o melhor método é o da reunião em grupo fechado, enquanto na zona rural tudo indica que uma Cartilha Vocacional com lições a serem tomadas pelo padre ou por um responsável é o mais eficiente. Muitos outros meios subsidiários foram indicados para ambos os ambientes, dos quais o melhor para a cidade e zona rural parece ser um estágio prévio no próprio Seminário ou outro local.

Sei que há várias Ordens e Congregações que estão realizando parte dêsse programa de preparação, mas mesmo assim muito resta a fazer, e parece que ainda estamos nos primórdios. No entanto, o impulso visível que está tomando o movimento vocacional no Brasil nos enche de fundada esperança.

A preparação pre-seminarística é um dever de caridade que temos para com os nossos confrades que labutam tantas vêzes inútilmente nos Seminários; é um dever de justiça para com os benfeitores que sustentam em parte as nossas obras; é um dever de gratidão para com Deus que nos dá as vocações, mas pede digno condicionamento das mesmas; é um dever para com os mesmos meninos que precisam de nosso auxílio, pois não são capazes de se desenvolverem por si mesmos; é um dever para com a Igreja, porque, através de uma boa preparação, teremos mais e melhores sacerdotes.

ESCOLA, COMUNIDADE MISSIONÁRIA? (1)

Pe. Hugo Paiva, C. M.

Apesar de a existência dos educandários católicos ser, hoje, um fato, em todos os países do mundo livre, continua extremamente difícil e complexo discernir os elementos essenciais de uma pastoral da adolescência ou de uma educação cristã total da adolescência.

Neste particular, os educadores estão longe de acôrdo mesmo quanto a pontos básicos. Daí as freqüentes críticas à formação de nossos colégios, algumas delas partindo de pessoas de larga experiência educacional e movidas pelo desejo de aprimoramento da pastoral e da catequese dos adolescentes.

O Plano de Renovação dos Educandários no que concerne à educação trouxe orientações preciosas, inspiradas quase tôdas neste princípio:

"transformar o educandário em uma comunidade missionária".

É, pois, legítimo perguntar o que na realidade deve mudar na escola, para aliviar uma estrutura pesada e tradicional, comum em geral ao que diz respeito à educação, para transformá-la em uma comunidade em estado de missão. Que deve ceder lugar para que o aprimoramento da escola e o renascimento pastoral da juventude desdobrem plenamente suas exigências?

Eis aí um trabalho que está a exigir madura reflexão e vasta experiência do meio escolar.

Do contrário, a expressão "comunidade em estado de missão" passará como tantas outras fórmulas mágicas e palavras da moda. Será vulgarizada em retiros espirituais aos mestre e alunos, empregada em discursos, em cartazes, artigos de jornais escolares, murais, despertará entusiasmos, mas pouco a pouco cairá em desuso, cederá o lugar a outra novidade.

Que caminho seguir ou qual a pedagogia a que submeter a escola para levá-la ao nível de uma comunidade em estado de missão? O Plano de Emergência não o diz. Todo educador aspira transformar sua instituição de ensino em uma comunidade familiar viva, no seio da Igreja. Mas como chegar lá? Uma percentagem insuficiente das famílias entram, de modo perseverante em contato com o colégio.

O professorado leigo dificilmente encontra a possibilidade de participar das reuniões mensais. Mas podemos perguntar se será necessário uma larga participação direta das famílias e reuniões freqüentes ou pelo menos mensais de todo corpo professoral para se transformar o colégio em uma comunidade de espírito missionário?

Que significa precisamente estar "em estado de missão"? Que carac-

1) Publicado em "Documentos e Estudos de Educação", do Secretariado Nacional de Educação e Cultura da CNBB.

teriza uma comunidade escolar em estado de missão em relação às outras congêneres que não atingiram êste nível de vida?

Pode-se, a rigor, falar de uma missão de evangelização para quem, como o estudante, está em formação, em evangelização? Que significará um nível de comunidade missionária para o colégio em que necessariamente encontramos alunos indecisos, frios, ardorosos?

Cada pergunta que pode fazer o educador que lida no colégio encerra um problema. São muitas as barreiras em que um plano teórico não pensa. Como conseguir vencê-las?

A limitada contribuição que divulgamos é o resultado do confronto de opiniões de certo número de educadores preocupados com a realização do Plano de Renovação dos Educandários. Êste confronto permitiu formular algumas recomendações que parecem seguras e fazer aos educadores, claramente, certas perguntas. Os problemas não são aprofundados. Não se trata de exposição rigorosa, mas de uma espécie de relatório das condições gerais de uma pastoral do meio escolar, agrupadas sob os seguintes títulos:

- 1 — Evidências
- 2 — Corpo docente
- 3 — As Estruturas do Estabelecimento
- 4 — A ação pastoral
- 5 — Para se chegar ao nível de comunidade missionária...
- 6 — Uma sugestão prática

Evidências:

Convém afirmar, antes de tudo, certas evidências que nunca deveriam ser esquecidas, certos princípios que é oportuno recordar. Se estivessem sempre presentes muita ambiguidade ficaria esclarecida e evitar-se-ia muita perda de tempo:

1.º Jamais o colégio elucidará o problema da educação cristã se o formular puramente em termos catequéticos. É falso pensar que, para se educar bem a fé, basta ao colégio organizar a catequese. Esta afirmação é perigosa. O problema da educação cristã é muito mais amplo. É e deve ser formulado em termos de pastoral. O catecismo sozinho não dispõe de meios para dispensar uma formação integral. Nem é esta sua missão. Tem por objetivo educar a fé pelo ensino, embora deva guardar contato com os outros meios de formação os quais não pode em hipótese alguma, suprimir.

2.º A missão pastoral do colégio varia conforme as circunstâncias. Não pode, pois, ser considerada de maneira uniforme, monolítica, com fórmulas milagrosas, aplicáveis aos quatro pontos cardiais. Em particular, os educadores atenderão nas três circunstâncias seguintes que são as causas mais comuns que provocam a diferenciação da ação pastoral.

- a) — idade dos alunos
- b) — sua condição de internos, semi-internos ou externos
- c) — a situação da Igreja no meio servido pelo colégio: meio popular? burguês? catolicismo tradicional? praticante ou não pra-

ticante? materializado pela concepção comunista ou capitalista? etc.

A intenção da Igreja de fomentar a escola católica é proteger, salvar e ajudar a infância e a juventude. Proteger positivamente contra uma sociedade às vezes hostil à religião. Ajudar a discernir com lucidez os verdadeiros valores humanos. Salvar e ajudar a pureza do adolescente em condições favoráveis à eclosão da verdadeira liberdade, à educação do senso religioso e da fé.

Ora, esta vocação da escola cristã impõe graves responsabilidades:

- ao corpo professoral
- às estruturas do colégio
- à ação pastoral

Corpo docente

A ação do corpo docente poderá ser um contra-sinal daquilo que se espera dêle e produzir um efeito exatamente contrário, e isto por vários motivos:

1 — existência, no colégio, de um corpo professoral competente para o ensino profano. Religiosas com títulos universitários e diplomas de especialização, programa bem montado e rigorosamente executado, assegurando ao estabelecimento sólida reputação. Mas, sob o ponto catequético, o professorado oferece um quadro oposto: incompetente, improvisado ou excessivamente sobrecarregado. O Programa é mal adaptado às exigências espirituais e psicológicas da adolescência, as quais são, em geral, mal conhecidas.

2 — A educação é mais obra do corpo docente, tomado em seu conjunto, do que de cada educador em particular, por mais rica que seja sua personalidade. E é este corpo docente que por sua maneira de agir, de pensar, de viver, deve ser para os alunos um sinal, facilmente legível, de uma fé adulta.

Ilusão pensar que um espírito de equipe alimentado de maneiras atenciosas, e instaurado em um nível superficial reuna as condições de uma pastoral da adolescência e transforme o corpo docente em sinal da Igreja na instituição escolar.

3 — É preciso muito mais esforço para se atingir um nível de vida cristã autêntica, pessoal e comunitária, aberta a todos os grandes problemas humanos. Ora, não chegou ainda a este nível a escola que fixar, como fim último de seus esforços, preparar os adolescentes a fazerem bons exames e a conservá-los virtuosos, bem protegidos e bem guardados. Uma ilusão, em um mundo cheio de idéias, sequioso de liberdade, em especial nas grandes cidades, onde se respira um ar carregado de cepticismo e de moralismo, mas pobre de vontade e de verdade.

Cada religioso e o corpo docente em seu conjunto terá de conhecer lucidamente quais as influências artísticas e literárias que penetram a alma dos adolescentes sob pena de perder o crédito junto dêles. Querer levá-los

a uma fé adulta sem partir da situação concreta em que vivem é transmitir uma formação artificial e, por isso mesmo, inconsciente.

As Estruturas do Estabelecimento

1 — Uma constante revisão da vida dos estabelecimentos vigiará para que horários, condição material, hierarquia de valores, condicionamentos (prêmios, estímulos, castigos) sejam educadores da personalidade. Isto não significa o abandono da disciplina e da ordem que o adolescente aceita e compreende muito bem, mesmo quando não lhe é fiel

Trata-se antes de uma abertura à expressão pessoal, de uma confiança a depositar nos adolescentes quanto à responsabilidade de certos setores das atividades humanas dentro da comunidade escolar.

2 — A instituição deve tornar visível aos alunos o fato de que pertencem à Igreja, e isto sob dois aspectos: deixar a Igreja penetrar no estabelecimento e fazer que os alunos participem da vida da Igreja, da diocese, e sobretudo, da paróquia.

3 — O colégio deve não somente permitir, mas prever possibilidade de encontros individuais entre professores religiosos ou leigos e alunos.

Ação pastoral

Três elementos são estritamente partes de uma ação pastoral:

- catequese
- liturgia
- ação e vida cristã

A ausência de qualquer destes elementos falseará a plena educação da fé dos adolescentes. Cada um deles constitui um capítulo central da teologia pastoral ou seja teologia pastoral profética, teologia pastoral litúrgica, teologia pastoral hodegética.

A missão da Igreja é instaurar o Reino de Deus e levar os homens à santidade pela Palavra.

Mas como, de fato, a Palavra de Deus chega ao homem de hoje? Por uma tríplice manifestação de uma mesma ação pastoral da Igreja:

- a) Recebemos a Palavra de Deus na fé por meio da evangelização ou da Palavra de Deus anunciada: catequese.
- b) Entramos em comunhão pessoal com a Palavra de Deus celebrada: Liturgia. Substancialmente a Palavra de Deus é o Verbo de Deus feito Carne, que nos é dado substancial, real e corporalmente presente na comunhão.
- c) Vivemos a Palavra de Deus, na prática da caridade fraterna.

PALAVRA DE DEUS

Vem até ao homem

Pela evangelização:

Pela liturgia

Pela vida de caridade

Palavra de Deus anunciada:

Palavra de Deus celebrada:

da comunidade

Pastoral profética, catequese, etc.

Pastoral litúrgica

Pastoral hodegética

Nenhuma destas manifestações da Palavra de Deus pode faltar sem que a ação pastoral do colégio corra grave risco de mutilação. Por exemplo, a ação ou a vida de caridade sem vida eucarística e sem catequese degrada em ativismo.

1 — **A catequese:** o perigo certo da catequese em meio estudantil é a escolarização. A religião passa a ser uma disciplina como as outras ou ocupará o lugar de honra como 1.ª disciplina da instituição. As verdades da fé são tratadas como se transmitem as noções em uma aula de geografia ou de história. Nestas condições as relações entre catequista e adolescente se reduzem a relações entre professor-aluno.

Aprender catecismo será aprender noções sobre coisas religiosas. Então não se deve admirar de que não se consiga provocar o ato de fé interior, o encontro e comunhão pessoal com Cristo que nos revela a pessoa do Pai e nos torna dóceis ao Espírito Santo.

Tudo o que quebra o ritmo da escolaridade: retiros, manhãs de recolhimento, etc. ajuda a descolarizar a religião e a transforma em vida.

2 — **A Liturgia:** O perigo é pensar que se dá educação litúrgica porque o adolescente se forma nos exercícios de piedade. Certas experiências facilmente realizáveis contribuem para o adolescente descobrir a vida litúrgica da Igreja. São aquelas que possibilitam:

- a) — a participação efetiva na liturgia
- b) — a participação em uma liturgia mais vasta do que a liturgia celebrada ordinariamente na capela do colégio.

A presença dos pais, em certos dias, ou a de grupos especializados (A. C. por exemplo), as festas de 1.ª comunhão, administração do crisma, etc. podem ser ocasião de uma experiência vantajosa da vida litúrgica da Igreja.

3 — **A ação, a vida cristã:** Para o adulto a ação é o meio pelo qual revela a eficácia de sua fé.

Que é a ação para o adolescente? Os educadores caem facilmente em equívocos quanto à palavra ação missionária, por causa de uma visão muito parcial.

Com certo otimismo explicam-nos que o colégio entrou na órbita do Plano de Emergência. Como prova enumeram várias atividades exteriores no plano social da vida humana: visitas a hospitais, favelas, promoção de campanhas em prol da infância abandonada, etc.

Seria um erro, na educação da adolescência, confundir ação missionária com atividade ou exercício da caridade. Não se trata de exercício só, nem de atividade prática, como meio de satisfazer à necessidade de movimento da juventude. Nem basta que o colégio possibilite pela JEC, pelo movimento das bandeirantes, pelos agrupamentos de caridade ou diversões, aos alunos descobrirem certo número de graves problemas humanos.

Antes de visitar os pobres, a ação deve ser refletida na fé, fundada na vida teológica da caridade, do contrário corre-se o risco do "ativismo", que não os preservará de graves erros.

A ação missionária, no colégio, não exclui a visita aos pobres e outras obras semelhantes. Deverá mesmo integrá-los. As atividades e tarefas concretas são exigidas pela psicologia do jovem e pelas necessidades e funções da Igreja. Mas seu objetivo não é despertar desejos virtuosos, ou criar relações de prestígio, ou corrigir o egoísmo da classe burguesa.

Tudo isso será atingido indiretamente. O que visa o educador da juventude é pela ação:

1. Despertar a consciência da missão da Igreja no mundo, na medida em que cada jovem, progressivamente, descobrir que, como batizado e confirmado, é pessoalmente responsável pelo Reino de Deus. Esta abertura se processará levando o jovem a uma reflexão não só sobre os Pastores da Igreja local, mas também sobre as missões apostólicas, o paganismo das massas, fome no mundo etc...
2. Despertar no jovem o sentido de sua vocação na Igreja. Cada cristão, por sua ação, efetivamente testemunha e evangeliza, se fôr animado pelo Espírito de Jesus.

A fonte desta ação não é só a necessidade urgente do próximo, mas o apêlo do Pai, que nos chama a participar na salvação cristã sob a ação do Espírito Santo. Em resumo, no plano educativo, o fim da ação é ajudar o jovem a formar sua personalidade, levá-lo a encontrar o tipo de atividade que lhe convém e a descobrir sua vocação própria no apostolado da Igreja.

A educação para a ação cristã, neste sentido, acima exposto, levará em consideração os níveis de maturidade psicológica dos adolescentes e de sua integração na sociedade.

Podemos distinguir três etapas principais:

- 12 — 14 anos: pré-adolescência
- 14 — 18 anos: adolescência pubertária
- 18 — 25 anos: grande adolescência.

Nível de vida comunitária e catequese

O plano de Renovação dos Educandários quer que coloquemos nossas escolas em um nível de vida comunitária, de vida de família.

Há vários níveis de vida em família e o termo comunidade toma hoje várias significações pouco precisas. O plano não está animado de preocupações técnicas, mas precisa um fator básico da educação: o princípio de comunidade. O princípio de comunidade é que faz a coexistência de vários seres não seja apenas paralela ou não seja apenas com mais existência, mas se transforme em convivência. Coexistência é paralelismo, é uma existência ao lado de outra. Convivência é interpenetração, relações mútuas conscientes. E como não estamos unicamente no plano da solidariedade humana, mas de solidariedade cristã, a fonte e o vínculo destas relações no seio da comunidade escolar é o sentido efetivo da caridade.

Como falar de espírito de comunidade, de família cristã a quem ainda não despertou para a fraternidade e a unidade? E mais ainda para as responsabilidades temporais e sociais, para às misérias do tempo presente não só dentro do colégio, mas também na cidade, no país e no mundo, na paróquia, na diocese e na Igreja Universal.

Ora um colégio não atinge este nível de vida sugerido pelo Plano de um salto. Deverá percorrer certas etapas, estabelecer uma catequese sólida em vários níveis, não tanto de prioridade de tempo, mas de prioridade lógica, de importância.

- Nível de vida evangélica
- Nível de vida batismal
- Nível de vida eucarística

O fracasso de muito esforço pastoral se justifica talvez pela impaciência dos educadores. Querem, logo de uma vez, estabelecer em comunidade de vida eucarística aqueles que ainda não atingiram nem mesmo um grau de evangelização suficiente.

O nível de vida de família em estado de missão plenamente possuído é o termo que só alcançará o colégio que mantiver uma **catequese capaz de a todo momento suscitar a conversão evangélica, a vida batismal consciente e a vida eucarística.**

Ora, em um colégio, justamente porque instituição de formação, encontramos alunos em todos estes três níveis a que aludimos acima:

- 1 — alguns ainda não chegaram a um nível de vida evangélica, isto é, a uma opção fundamental pelo Evangelho, como mensagem de salvação e por N. S. Jesus Cristo.
- 2 — Alunos que não entraram no nível da vida batismal, isto é, que não vivem seu batismo como:
 - a) sacramento da fé como conversão
 - b) sacramento da decisão cristã. Quantos indecisos? Frios? Tibios? Fervorosos?
 - c) sacramento da entrada na comunidade eclesial. Pertencem à Igreja exteriormente, inconscientemente.
- 3 — Alunos que ainda não levam vida eucarística porque não possuem:
 - a) o sentido do sacrifício
 - b) o sentido da união
 - c) o sentido do progresso, da marcha para Deus.

Este esquema geral nos fornece a base sólida da catequese que, pouco a pouco, conduzirá os alunos ao ambicionado nível de vida de família. Não é preciso que todos atinjam consciente e reflexivamente este nível de vida. Alguns nunca despertarão por motivos diversos. Os dos anos inferiores só pouco a pouco, de acordo com sua progressiva maturidade psicológica viverão, conscientemente, e serão capazes de por sua vez promover o espírito de família no colégio.

Catequese e espírito missionário

Igreja "em estado de missão", colégio "em estado de missão" tornaram-se expressões da moda. Quantos as compreenderão perfeitamente?

O uso destas expressões é a confissão explícita de que uma época terminou: o tempo chamado de "cristandade" já passou. O mundo moderno é um mundo laicizado, emancipado da Igreja, que cultiva seus valores por conta própria sem referência ao Evangelho.

Esta atitude força a Igreja a transformar sua ação pastoral. No passado o ideal era colocar o mundo em estado de instituição cristã. Hoje, colocar o mundo em estado de missão cristã.

Que caracteriza uma comunidade em estado de missão?

1 — É aquela em que domina a preocupação da novidade do Evangelho, isto é, em que se apresenta a mensagem evangélica não como um fato religioso, um fato ético ou social, mas em tôda a sua originalidade de mensagem revelada. Há um sentido de Deus, do amor do próximo, da riqueza, do homem, etc. que é específico do Evangelho, que não podemos encontrar em nenhum outro lugar.

Ora para quantos, por exemplo, o batismo, o casamento, a 1.ª Comunhão, a missa de 7.º dia, perderam todo o seu valor de sacramento da Fé, para serem identificados ou confundidos com um fato social ou uma tradição religiosa.

- 2 — Uma comunidade que quer ser do mundo presente. Não só por uma presença material, por estar em tal rua, mas presente no tempo de hoje, vivendo os grandes problemas do homem contemporâneo.
- 3 — Uma comunidade que adote... uma pedagogia do diálogo, e não da superioridade.
- 4 — Uma comunidade que procura a pobreza dos meios humanos, que não se imponha pelo poder econômico, nem pela preferência de classes nem pelo prestígio social.
- 5 — Uma comunidade que dê lugar ao leigo.
- 6 — Uma comunidade em marcha para Deus, para a perfeição.

NOÇÕES DE LEGISLAÇÃO DO TRABALHO

O DSAS pretende realizar, até maio próximo, mais um curso por correspondência, para Religiosas, agora sôbre Legislação do Trabalho, e com algumas noções de Previdência Social.

Informações serão dadas no próprio DSAS à Rua Humaitá, 170 — Botafogo — Rio de Janeiro.

BREVES CONSIDERAÇÕES SÔBRE O LATIM, O GRANDE INJUSTIÇADO DO NOSSO CURRÍCULO ESCOLAR.

Irmão Emílio Athanásio F. M. S.

É um velho hábito nosso criticar os programas e os currículos escolares. Com o advento da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, porém, parece que tôdas as indignações foram assestadas contra o ensino do latim, como se êle só fôsse a causa de todos os problemas existentes em nosso ensino secundário.

A abolição precipitada do latim em nosso currículo escolar merece uma séria análise, por motivos vários, alguns dos quais peço vênha de relembrar aos leitores da Revista da Conferência dos Religiosos:

1. Nas críticas feitas ao latim foram esquecidas as finalidades do ensino secundário em geral, e dos objetivos do ensino do latim em particular.

Com efeito, o ensino secundário não pretende formar especialistas, mas,..." formar a personalidade integral dos adolescentes;

... elevar a consciência patriótica e humanística dos adolescentes;

... dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial "(Lei Org. do E. S.).

Os objetivos do ensino do latim no ensino secundário, não são precisamente os de fazer falar corretamente o latim (uma janelinha aberta do Concílio Ecumênico nos mostrou que alguns altos prelados não o falam corretamente...). O ensino do latim na escola secundária visa pôr os nossos educandos em contato com a literatura e a civilização do povo romano; assegurar melhor conhecimento do português e das demais línguas **neo latinas**; estimular os jovens a pensar e refletir, através da concisão, da morfologia, da sintaxe e da análise latina: "Quia jam non est qui cogitat in corde suo, terra desolata est"; enfim, fazer conhecer o mundo antigo através do conhecimento econômico, social, cívico, artístico e religioso dos romanos. "In omnibus respice finem".

2. Importância do latim. Creio que as críticas feitas ao latim, em geral, deveriam ser feitas aos professôres de latim.

As preocupações do professor, nas primeiras aulas de latim não devem ser as de "enfunilar" na memória do ginasião as cinco declinações com tôdas as particularidades e anomalias, mas sim de despertar o interêsse do aluno pelo latim, afastando os complexos criados, como se a cultura e civilização do mundo ocidental fôsse monopólio dos padres... e que portanto não interessa a quem não quer ou não possa ser padre

A importância do latim reside no fato de êle ser um grande instrumento de cultura; de contribuir para o conhecimento dos vocábulos portu-

guêses, das línguas românicas e mesmo das anglo-germânicas; enfim, ser um meio ideal para aumentar a capacidade do raciocínio dos jovens. Desta maneira ajudaremos aos nossos rapazes e às nossas mocinhas a se convencerem de que, além das pernas vigorosas dos homens e dos olhos remelados das mulheres, há outros valores, quais sejam a reflexão e a inteligência, que dignificam mais que tôdas as qualidades físicas e que todos os conhecimentos puramente pragmáticos.

3. O latim não é língua morta, é uma língua antiga.

Estas desprezíveis considerações serão lidas, principalmente por religiosos e religiosas. Por isso permito-me lembrar que o latim é como que a língua mãe dos católicos. Verifiquei mesmo, que o estudo das orações em latim: do Pater, Ave, Credo, por ex., despertam particular interesse em nossos estudantes católicos e protestantes. Ora, sendo que o latim é falado e escrito na Igreja Universal, e também em parte nas faculdades de Direito, e nas pesquisas científicas anteriores ao Sec. XX, não é língua morta. As cartas dos Papas, escritas em latim; as formas dos sete sacramentos pronunciadas milhares de vêzes, diariamente, e a beleza insuperável dos hinos litúrgicos, são uma demonstração incontestável de que o latim é uma língua viva, que além de ser viva (façada) dá a vida sobrenatural. Tudo isso deveria aumentar a nossa consideração e o nosso apreço pelo latim.

4. As prevenções contra o latim e as suas causas.

É incontestado que há prevenções contra o latim: que é difícil... que é inútil... que é língua morta, etc.

Estou firmemente convencido que tôdas essas prevenções desaparecerão e que a maioria dos alunos das nossas escolas secundárias gostarão mesmo do latim se os professôres cuidarem do seguinte:

a) Um cuidadoso planejamento, garantia de êxito. A importância do bom planejamento cresce nas primeiras aulas, quando o professor deverá contar a História do Latim, história mais atraente que qualquer outra. Conheço professôres de latim, que, graças às primeiras aulas, cuidadosamente planejadas, convenceram seus alunos de que o latim é uma língua fácil e sendo que no comêço o latim era o próprio português... Bonita, porque mostra as belezas do mundo antigo, suas histórias, sua literatura, a sua arte.

b) Motivação que despertará o devido interesse.

Poderia assim resumir os motivos já comentados acima, quando falei da importância do latim:

1) Do latim se originam o português e as línguas néo-latinas. Quem sabe latim já é meio familiar com o italiano, o espanhol, o português e o francês.

2) Sessenta por cento das palavras anglo-germânicas são de origem latina.

3) A origem de nossa civilização é greco-latina. Até o Sec. XIX, o latim foi a língua científica.

4) O latim dilata a inteligência dos jovens e a sua capacidade de pensar e refletir. "Penser, c' est faire l'homme, en un mot".

5) O latim é a língua empregada pela Igreja Católica em sua sublime Liturgia.

c) O material ilustrativo complementara eficazmente, a motivação teórica.

É imperdoável aos professores de latim: a ausência de mapas da Europa antiga, onde sobressai a Península Itálica, Roma e o Lácio, pátria do Latim; a ausência de quadros murais... Imaginem uma aula, ou uma série de aulas dadas, por exemplo, sobre as Guerras Gaulesas, ante um grande mapa ou quadro mural, onde aparecem, em suas respectivas formações e uniformes, os soldados de César (confeccionados pelas diligentes normalistas), os compandados de Vercingetórige, os Germanos... Como a aula se torna mais atraente, mais clara, mais estimulante, mais dinâmica!... É evidente que aqui aparece ensejo para aplicar todos os princípios e métodos da pedagogia moderna e da Escola Nova, do trabalho em equipe, da pesquisa individual, etc.

Mais do que qualquer outra língua viva, o latim se presta para ser ilustrado com filmes educativos, documentários e científicos, outros tantos pecados de omissão do nosso ensino de latim.

Portanto: mais mapas históricos, geográficos e literários;

mais cartazes, ilustrando costumes, vestes, combates, estratégia, e religião dos romanos;

mais gravuras organizadas em série, para ilustrar a história romana;

mais desenhos no quadro negro;

mais projeções..., e então a "abominável" língua latina torna-se-á mais simpática do que qualquer outra!

d) Coordenação com outras disciplinas:

As breves considerações anteriores evidenciam a necessidade de aproveitar assuntos de outras disciplinas para o ensino do latim, e mais do que isso, aproveitar o riquíssimo programa de latim, cuidadosamente planejado, para dar informações, que possam contribuir para o ensino de outras matérias. Assim ressalta aos olhos, a estreita correlação que deverá existir entre:

Latim e português,

Latim e francês,

Latim e Inglês,

Latim e História,

Latim e Geografia,

Latim e Desenho.

5. Conclusão:

Como conclusão de minhas breves considerações desejo formular três pequeninos votos:

- 1.º Reconsiderar a abolição do latim em nosso currículo;
- 2.º Atualizar o nosso ensino de latim;
- 3.º Retratar-nos públicamente em nossos encontros e estágios dos rudes combates que fizemos ao latim, matéria que tanto pode e deverá ainda contribuir para a elevação e o aperfeiçoamento do ensino secundário em nossa estremecida pátria.



Constituição Apostólica

"SEDES SAPIENTIAE"

e anexos

ESTATUTOS GERAIS

Sôbre a formação religiosa, clerical e apostólica a ser dada aos clérigos dos estados de tendência à perfeição

Edição em língua portuguesa da Sagrada Congregação dos Religiosos, curada pela Conferência dos Religiosos do Brasil.

Volume de 112 páginas, em papel couchê, 24 x 16,5.

Pedidos à

PREÇO Cr\$ 200,00

Conferência dos Religiosos do Brasil

Av. Rio Branco, 131-9.º

Rio de Janeiro

6. "CONSULTAR ANTES DE DECIDIR COMO METODO PARA EDUCAR A COMUNIDADE

Pe. Leão Douven CssR.

Vimos que o amadurecimento da comunidade paroquial depende sobretudo de dois fatores: participação de todos no planejamento das iniciativas paroquiais, participação realizada através dos grupos de amigos mais íntimos.

A participação de todos no planejamento baseia-se no fato de que o povo católico como um todo recebeu a incumbência de continuar a obra que Jesus começou: todo o povo é responsável pelo reino de Deus neste mundo, e não apenas a hierarquia. Que esta participação deve processar-se através dos grupos de amigos é consequência do caráter social da natureza humana: a maioria dos homens só é capaz de decidir-se quando sente o apoio e a solidariedade dos seus companheiros.

Depois destas considerações téóricas, surge a pergunta prática: como conseguir isto? Como conseguir que o povo passe a participar no planejamento das iniciativas paroquiais?

A resposta só pode ser esta: "descarregando" sôbre o povo a responsabilidade que lhe cabe. O vigário, portanto, deve recusar-se a assumir sôzinho tôda a responsabilidade da qual uma parte cabe ao povo.

Esta resposta sugere outra pergunta: como conseguir que o povo assuma uma parte das responsabilidades? Através do método: "consultar o povo antes de decidir". Através dessas consultas, o povo tem oportunidade de apoiar efetivamente uma determinada iniciativa. Sabendo dêsse apoio, o vigário pode decidir **em nome de todos**, e desta maneira a responsabilidade recai sôbre todos e não sômente sôbre o vigário.

Consultar também o povo simples

O método de "consultar antes de decidir" não é novidade. Como regra geral, os vigários costumam consultar certas pessoas, que vivem mais achegadas à igreja e que formam a elite religiosa. Entretanto, consultar só a elite tráz muitas inconveniências. A principal é que isto acentua a separação entre essa elite e o povo comum. Os fiéis sentem que a elite assume uma atitude paternalista em relação a êles, e por isso se afastam cada vez mais, não apenas da elite, mas também do padre e da igreja. A elite contribui para isso

ainda por um certo desprezo que sente pelos "maus católicos" e pelos "pecadores e ignorantes". O povo comum fica escandalizado por essa falta de caridade, e com razão. Nas grandes cidades essa evolução chegou ao ponto de só a elite religiosa frequentar a igreja. Por isso: elite religiosa só serve se souber penetrar nas massas, e é condenável se se colocar em "oposição" ao povo comum.

Frisamos, então, que as consultas devem ser estendidas sobre todos os fiéis, para que todos possam participar na responsabilidade da expansão do reino de Deus neste mundo.

Outra inconveniência deste tipo de consultas é que não favorece a ação dos grupos, e, como vimos, comunidade exige grupos.

Como evitar o constrangimento do povo simples

Quando pedimos a opinião do povo simples, devemos tomar em conta o constrangimento que este tem em relação ao vigário. Pois quando o vigário quer consultar alguém, ele o procura, explica seu plano e pede sua opinião. Os que têm mais familiaridade com o padre, estão mais ou menos em condições de responder com franqueza, mas não o povo simples. Este sente por demais a distância que o separa do padre e fica acanhado. Aliás, nem sempre consegue formar uma opinião própria, sem conversar primeiro com seus amigos. É neste ponto que o método de consultar deve adaptar-se à natureza humana: cada um deve ter oportunidade de sondar a opinião do grupo ao qual pertence. O vigário deve respeitar a realidade de que há uma distância psicológica entre ele e o povo comum. Praticamente significa isto o seguinte: o vigário apresenta suas idéias no púlpito, ou no jornal da paróquia. Deixa bem claro que o assunto só será resolvido depois de o povo manifestar sua opinião. Em seguida, o povo deve ter algum prazo para poder conversar sobre o plano. Se o plano despertou o interesse do povo, inevitavelmente isto acontecerá. Automaticamente entram em ação os líderes, isto é: as pessoas mais influentes dos grupos de amigos. Eles aproveitam a oportunidade para aumentar sua influência. Geralmente esses líderes ficam desconhecidos porque seu campo de influência é pequeno, mas eles são muito importantes na educação da comunidade. Se o vigário interpelasse os fiéis cada um pessoalmente, ele eliminaria a ação dos líderes, e estes, para garantir sua influência, passariam a boicotar a influência "rival" do vigário. Entretanto, se o vigário dá ao povo tempo de refletir e conversar, facilita a ação dos líderes que lhe ficam gratos e se aproximam dele.

Como se vê, o método certo de fazer consultas leva automaticamente à formação e ao fortalecimento dos grupos.

Depois de algum tempo (eventualmente semanas), o vigário deve encontrar meios para sondar a reação do povo. Muitas vezes é suficiente saber se o povo chegou a reagir e se se interessou pelo assunto. O modo de perguntar, então, não é: "Que o sr. acha?", mas: "Que é que o povo está achando? Os fiéis chegaram a conversar sobre a proposta?".

Alguns objetam que não é possível ouvir e atender a opinião de todos, pois tantas cabeças tantas sentenças.

Por isso frisamos que o vigário mantém o direito de decidir. E a finalidade da consulta não é: atender a todos, mas conhecer a opinião de todos, para poder decidir com conhecimento da receptividade, ou então: dar ao povo oportunidade de assumir parte da responsabilidade, para poder decidir **em nome** dos outros. Em muitos casos não será difícil conseguir aos poucos uma quase unanimidade de opiniões. E se isto em outros casos não se consegue, é isto uma prova de que em determinados assuntos há bastante desunião entre os fiéis. As repetidas consultas procuram aos poucos chegar a maior união.

O vigário que se prepara para consultar o povo simples esteja preparado para uma certa oposição da elite religiosa, pois esta sente instintivamente que está perdendo sua posição privilegiada, pois no método antigo, os fiéis mais achegados à igreja eram os únicos "conselheiros". Sentindo que estão perdendo parte de sua influência, é provável que digam: "Não adianta consultar todo o mundo: o sr. tem que mandar e dizer claramente: quero isto ou aquilo". Essa reação da elite apenas prova que ela vive divorciada da massa, e acentua a necessidade de diminuir sua influência. Não é uma elite que lidera a massa. É uma elite que procura mandar nos outros através do vigário.

Quando o padre quiser saber a opinião de uma associação religiosa, reunida no salão paroquial, ele pode dar oportunidade aos presentes de conversarem em pequenos grupos ali mesmo, mas então é aconselhável que ele se afaste alguns minutos do salão, como se fôsse para tomar um cafézinho. Enquanto ele está presente, os fiéis, quase infalivelmente, sentir-se-ão constrangidos. Convém acentuar ainda que cada um procure os amigos mais íntimos, para conversar com eles.

Vários tipos de propostas

Falta ainda uma explicação sobre os assuntos a serem apresentados ao povo como consulta. É bom consultar o povo em todas as iniciativas nas quais tem responsabilidade. A consulta, então, é um meio para "descarregar" sobre os fiéis a responsabilidade que lhes cabe.

A consulta mais perfeita consiste em apenas apresentar o problema, sem sugerir solução. O motivo é que um problema incita a inteligência muito mais do que um plano acabado. Por exemplo: "A igreja está velha e pequena. Que vamos fazer?". Ou: "Os espíritas vêm entrando. Que fazer?". Ou: "Muitos se queixam da falta de educação das crianças. Que podemos fazer?" Ou: "A mocidade não vem à igreja. Qual a solução?" etc. Normalmente há, então, as seguintes fases: consciência do problema — multiplicidade e confusão de propostas — liderança de uma ou de algumas — definição do plano — aprovação do vigário — execução.

Acontece, porém, que o povo não tem formação para descobrir a so-

lução certa e que o vigário tem em vista um determinado plano, por exemplo o aperfeiçoamento do modo de seguir a Missa. Nesses casos êle expõe ao povo tanto o problema ("como assistir melhor à Missa?") como o plano que êle tem em mente. A consulta, então, tem como finalidade sondar a receptividade e o amadurecimento do povo em relação à iniciativa.

Pode acontecer que o bispo dê uma ordem, por exemplo organizar uma semana catequética, adotar um determinado modo de seguir a Missa. Nestes casos não pode haver divergência da orientação do bispo, mas mesmo assim é bom consultar o povo para dar-lhe oportunidade de obedecer espontaneamente, pois tem responsabilidade na execução. Também é bom dar-lhe oportunidade de apresentar objeções ou de pedir esclarecimentos. A consulta pode ser feita da seguinte maneira: "O Sr. Bispo deu esta e aquela ordem. Minha opinião é que devemos obedecer. Ou há dificuldades?". Esta consulta evita que o povo fique inerte e passivo, e faz com que tenha oportunidade de decidir-se. Evita também resistência passiva, que é uma forma de desobediência.

Apresentamos aqui apenas idéias gerais. Em cada caso é preciso estudar como consultar o povo.

Que fazer se o povo não reage

A objeção geral é: "Consultar para que? O povo não reage mesmo!". Há vigários que começaram, mas que desistiram diante desta constatação.

Deve ser evidente que o povo no início não reage. Se reagisse logo, não haveria problema. A passividade ou o desinterêsse dos fiéis é exatamente o mal que devemos curar. Não devemos supor que haja interêsse, mas precisamos partir da realidade que não há, e procurar os meios para despertá-lo. E êsse meio é: descarregar sôbre o povo a responsabilidade que lhe cabe, e isso através de consultas. Verificando que não houve reação, podemos seguir dois rumos: interpretar o silêncio como aprovação ou então como reprovação do plano. Ao se tratar de um plano que certamente agrada ao povo (por exemplo: organização de uma festa) interprete-se publicamente o silêncio como reprovação, e cancela-se o plano. E' muito provável que então haja reação. Ao se tratar de um plano que não chegou a despertar interêsse (por exemplo: outro modo de seguir a Missa), interpreta-se publicamente o silêncio como aprovação, e responsabiliza-se o povo pelo eventual fracasso. Deve ser evidente que o povo não gostará de ser responsável por uma iniciativa em cujo planejamento não tomou parte. Também nêsse caso é provável que o povo passe a reagir. Repetindo cada vez êste método, o povo aos poucos há de despertar de sua passividade e há de interessar-se mais.

Devemos lembrar também que a consulta é um método de educação da comunidade. E educação sempre é lenta. Educar uma criança exige anos. Também educar uma comunidade não se faz de repente. Os primeiros resultados visíveis aparecem provavelmente depois de bastante tempo.

Nos nossos colégios.

Muitos dos nossos colégios estão interessados em cultivar o espírito comunitário, o espírito de família entre os alunos. Queremos, entretanto, lembrar que não basta insistir nas pregações nestes pontos, e que qualquer comunidade supõe 1) participação de todos na responsabilidade do conjunto, 2) participação através de grupos de amigos. O problema é reconciliar estes princípios com o princípio de autoridade. O Papa João XXIII abordou em "Mater et Magistra" o mesmo problema em relação às empresas econômicas: "É preciso que a empresa tenda a tornar-se uma comunidade de pessoas, nas relações, nas funções e nas situações de todo o pessoal que dela participa... Uma concepção humana da empresa deve, indubitavelmente, salvaguardar a autoridade e a necessária eficiência de unidade da direção; mas ela não poderia reduzir os colaboradores cotidianos à condição de simples executores silenciosos, sem nenhuma possibilidade de fazer valer sua experiência, inteiramente passivos em face das decisões que dirigem sua atividade".

No artigo anterior já anotamos que a nossa pedagogia escolar é muito individualista e que devia estudar a possibilidade de aproveitar as energias latentes nos grupos que sempre existem entre os alunos. Entretanto é mais fácil promover a participação dos alunos nas atividades religiosas, como por exemplo o modo de assistir à Missa do colégio. Constatamos que também no setor religioso se adota o princípio autoritário: a diretoria do colégio determina e os alunos apenas têm de obedecer, sem ter, praticamente, oportunidade de conversar livremente sobre o assunto e de apresentar sugestões ou objeções. Consequentemente, as orações tornam-se um tipo de imposição, tornam-se artificiais e maquinais, orações sob comando, como as paradas no exército.

Continua em pé o problema de reconciliar a participação dos alunos na responsabilidade e o princípio de autoridade. Queremos, apenas, frisar que não é possível chegar a uma convivência comunitária, nem a uma oração realmente comunitária, se os alunos não tiverem, de uma maneira ou de outra, certa participação na responsabilidade, participação que se realiza através dos grupos de amigos.

(Continua)

O ÚNICO NECESSÁRIO

Pe. João Ev. Betting C.Ss.R.

(Continuação do número anterior)

Mérito

Segue daí que a caridade é a razão formal do mérito das nossas boas ações. E que o grau de caridade determina o grau do mérito na eternidade. Sirva de ilustração êste florilégio tomista:

"Radix merendi est caritas" (II II 182,2 c).

"Actus noster non habet quod sit meritorius ex ipsa substantia actus, sed solum ex habitu virtutis quo informatur. Vis autem merendi in omnibus virtutibus est ex caritate, quae habet ipsum finem pro objecto. Et ideo diversitas in merendo tota revertitur ad diversitatem caritatis" (Suppl. 93,3 c).

"Et ad secundum dicendum quod opera non habent quod eis retributio gloriae reddatur nisi in quantum sunt caritate informatae" (1. c. ad. 2.).

"Ita etiam est de virtutibus quibus meremur. Nam omnes habent efficaciam merendi a caritate quae unit nos Deo a quo meremur; et voluntatem perficit per quam meremur" (Potentia 6,9 c).

"Semper quantitas meriti attenditur secundum radicem caritatis". (3 Sent 24,1,3,3).

As virtudes merecem só e enquanto estão informadas, i.e., movidas pela caridade, pelo amor de Deus. "Principalitas meriti est in caritate; in aliis autem secundum quod caritate informantur" (3 Sent 30,5 c).

ad 1: gratia principium remotum; caritas principium proximum;

ad 2: fides non justificat nisi per caritatem sit formata;

ad 3: dicendum quod actus aliarum virtutum non sunt meritorii nisi in quantum sunt informatae caritate.

Meritum pendet ex radice caritatis (3 Sent 33,1,4,2).

A oração só vale pelo amor: "Oratio sicut quilibet actus virtutis habet efficaciam merendi in quantum procedit ex radice caritatis" (II II 83,15 c).

O mesmo vale para a fé (II II 2,9 ad 1). Vale para a penitência (I II 114,4 ad 3). Nem o martírio não tem mérito, se não fôr por amor do Supremo Senhor (II II 124,2 ad 2): "quod autem martyrium sit meritorium, hoc habet ex caritate sicut quilibet actus virtutis".

Prêmio

Basta o mínimo grau de caridade para se valer algo "in regno caelorum". Porém no reino de Deus há muitas e mui diversas moradas: "Stella a stella differt". E é êste grau de caridade, maior ou menor, que decide do prêmio a receber na eternidade. "Qui parce seminat...". Quem pouco amou

aqui na terra, pouco também amará na outra vida. Quanto maior amor tanto mais próximo a Deus que é o Amor essencial. E o mínimo grau de amor é o primeiro e ínfimo grau da escada celeste. Evidente: "Radix merendi est caritas" (II II 182,2 c).

"Quanto maiori caritate et gratia actus informatur, tanto magis est meritorium" (2 Sent 29,1,4).

Ao grau de caridade corresponde o "Lumen gloriae", corresponde o grau da visão beatífica de que gozaremos no céu. "Plus participat de lumine gloriae qui plus habet de caritate... qui plus habebit de caritate, perfectius Deum videbit et beatior erit" (I 12,6 c). "Actui caritatis debetur praemium substantiale et actui maioris caritatis maius praemium" (1 Sent 17,2,3,2).

A teologia distingue entre prêmio essencial e prêmio acidental ou secundário. O prêmio substancial é chamado Aura, o prêmio acidental Aureola na terminologia escolástica. O prêmio substancial se refere a Deus, consiste na visão beatífica, no amor beatífico. Prêmio acidental secundário, a tal auréola dos santos, resulta das criaturas, pessoas ou coisas criadas. Diz S. Tomás (4 Sent 49,5,1) que o "opus meritorium" tem sua "ratio bonitatis" e conseqüentemente também a sua "ratio meriti" por dois fatores: "scilicet ex radice caritatis quae refertur in ultimum finem et sic debetur ei essentialia praemium, scilicet perventio ad finem quae est Aurea. Et ex ipso genere actus laudabilitatem quandam habet ex debitis circumstantiis et ex habitu elicente te proximo fine: et sic debetur ei quoddam accidentale praemium quod Aureola dicitur". Como, p. ex., a convivência dos bemaventurados e a felicidade que esta lhes proporciona. Ou a tríplice auréola especial que distingue e destaca entre todos os moradores do céu os mártires da fé, as virgens castas e os santos doutores da lei. Mas há mais de três auréolas. A toda virtude heróica corresponde sua própria auréola. A auréola dos grandes penitentes e jejuadores como Nicolau Tolentino e Pedro Alcântara; a auréola dos grandes apóstolos da caridade fraterna como Vicente de Paulo, etc. etc. "Singulae virtutes merentur singularia quaedam praemia eis proportionaliter respondentia sicut humilitas meretur exaltationem et paupertas regnum" (Pot. 6,9 c). As humildes empregadas como Notburga serão honradas. As grandes pacientes como Rita de Cássia e Elisabet Canori serão consoladas. Os pobres evangélicos como Francisco e Charles de Foucauld serão ricos. "Centuplum accipient et vitam aeternam". Vida eterna é a glória de Deus e os 100% são a sua auréola. Os grandes apóstolos da vida ativa receberão também a sua auréola distinta: não é à toa que eles trabalharam de sol a sol, com bom e mau tempo, na vinha do Senhor, enquanto as Marias contemplativas ficaram recitando salmos na sombra e água fresca do claustro.

Nada se perde

Nada fica sem recompensa no céu, nem um copo de água. Pode ser, diz S. Tomás, que alguém pratique virtudes sem estar na graça; não deixará de receber "aliqua congrua beneficia". Até isto! "Unde quandoque cari-

tate cessante, per actum aliarum virtutum etsi aliquis nihil mereatur de condigno, ex quadam tamen divina liberalitate aliqua congrua beneficia retribuit pro huiusmodi actibus, saltem in hoc mundo" (Pot 6,9 c).

E pode acontecer que se pratique alguma virtude com muita virtude, mas com pouco amor de Deus; então o prêmio accidental será mais intenso que o próprio prêmio essencial. "Potest esse quod habitum maiorem habens quandoque minorem intensionem inducit in actu sicut etiam quandoque nullum, et tunc actus ex maiori caritate procedens minus intensus est magis meritorius respectu praemii accidentalis quod respicit ipsum actum sed minus respectu praemii essentialis quod respicit capacitatem quae est ex habitu caritatis" (3 Sent 30,5 ad 5).

E as Virtudes?

Nada se perde. Mas chama a atenção de todos os filhos de Deus que o prêmio conveniente às virtudes morais, prudência, justiça, fortaleza e temperança com tôdas as suas subalternas e com peculiar destaque religião, pobreza, castidade, obediência: que seu prêmio específico é a auréola, não a glória. Que o prêmio próprio e conveniente até para a fé e esperança teológica é auréola, o prêmio accidental.

Só o amor de Deus, amor de amigo, merece e recebe a glória. A virtude moral como tal, por mais heróica que seja, tem como prêmio específico só o prêmio accidental: "bonum ex creatura". Ela "merece" glória se é movida por amor de Deus. E tanto quanto! Nem sequer as virtudes teológicas escapam. Nem a fé (1 II 114,5 ad 3). Nem a esperança: "actio qua quis meretur non est principaliter propter praemium consequendum (...esperança da felicidade eterna) sed propter bonum caritatis. Unde homo habens caritatem operaretur, etiamsi nulla retributio sequeretur". (3 Sent 18,5,1).

As "virtudes" merecem perante Deus, i.e., são tidas em consideração por Deus somente "si ordinentur in bonum Dei et nonnisi secundarie in bonum agentis (De Lettere 133). Caritas non quaerit quae sua sunt".

Multiplicar por mil

Tanquerey tem um capítulo bonito sobre o aumento do mérito e havia um tempo em que eu vivia entusiasmado pelos diversos recursos engenhosos que êle aí descobriu (n.º 241 ss). É certo que posso fazer legitimamente o mesmo ato de virtude por uma dúzia de motivos e que vou ganhar assim 12 gráus de mérito. Posso acrescentar a cada ato até mil intenções cada vez. Tudo teologicamente correto. Só a perspectiva está errada e muito errada. Dizer que o ato de amor tem muito mais mérito do que o ato de fé, de mortificação etc., já é uma meia heresia. Pois a diferença entre êstes méritos é "substancial". Amor de Deus adquire prêmio essencial, virtudes só prêmio accidental. O método mencionado é juntar centavo por centavo (mérito accidental) enquanto o menor gráu de amor merece contos e contos de cruzeiros. Ou é comparar a suma de S. Tomás com um quilo de açúcar. O lucro pelo caminho das virtudes é ínfimo e o esforço de multiplicar as

intenções não paga o desgaste dos nervos ou a consulta do psiquiatra. Ganhar porventura uma dúzia de auréolas e talvez por azar nenhuma aúrea, nenhum grau de glória! Ora, ocupemo-nos com tarefas de real valor perante o Deus Altíssimo! Ao amor corresponde o prêmio essencial no céu: à virtude moral o prêmio accidental, a auréola. Ao teor de amor que a ação virtuosa contém em si, corresponde o grau da visão beatífica de Deus. E a "honestas moralis virtutis" e auréola, um prêmio de consôlo. Quer dizer: a glória de Deus só para quem ama. E para o homem de bem, que por impossível pratica tôdas as cento e tantas virtudes morais, com e por honestidade e retidão de caráter, mas não por amor de Deus, para êle nada! E se estiver na graça, um prêmio de consôlo, algumas auréolas, i.e., alguns galões dourados no braço e na lapela. Afinal S. Paulo o disse: Sem caridade, sem amor de Deus, "aes et cimbalum tinniens et nihil sum". Só o amor é que conta, que vale, que dá pontos.

E a tal Auréola,

Não daria ela sempre algum acréscimo sempre benvindo à nossa glória no céu? Em que consiste ela? "Praemium essentielle est gaudium de Deo . . . praemium accidentale est gaudium de aliquo bono creato" (4 Sent 49,1, 4,3). São alegrias e felicidades que no céu nos irão proporcionar criaturas outras ou distinções pessoais.

Esta auréola é alguma distinção pessoal não da parte de Deus, mas perante a Igreja triunfante, a grande assembléia dos santos e anjos celestes. Não tem nada a ver com Deus. As santas virgens cantam um cântico especial e os demais as escutam embevecidos. Os santos doutores andam passeando com um grande clarão em redor da cabeça. Veja lá, um dos grandes gênios da ciência sagrada, exclama todo o mundo e tira o chapéu. Cada qual recebe algumas dúzias de decorações e medalhões que êle leva qual generalíssimo no peito estufado ao passear pelas avenidas da via láctea.

Mas, o que vou fazer, pergunto com tudo isto no céu? "Quid est hoc ad aeterna gaudia?". Será que vou ocupar-me no céu outra vez com tôdas estas bagatelas e ninharias de crianças? "Quaere unum bonum in quo sunt omnia bona". Creio e espero que no céu não terei tempo nem interêsse por tudo isto que é criatura, minha ou dos outros. Deus só basta.

Que figura triste no céu aquêle sujeito que tem uma auréola brilhante, uma para cada dia do ano litúrgico, mas o seu grau de glória, de visão beatífica não vai muito além das crianças inocentes, mortas logo após o batismo. E' sempre melhor que nada. Sem dúvida. E é só.

Aqui na terra temos coisa mais importante a fazer do que fazer campanha por alcançar algumas auréolas especiais além da glória de Deus. Não vou acender uma vela de sebo quando brilha o sol. Vale a palavra de Jesus: "quaerite primum Dei et iustitiam eius et cetera adicientur vobis".

Vonier

Dá se vê também como é injusta a acusação de Vonier contra S. Tomás, de ter êle introduzido no cristianismo virtudes pagãs, dizendo que sua

moral é filosófica demais, que não é bastante sobrenatural, que não alcança o nível sublime da ética paulina (Flp 3,6 ss): "S. Tomás, êste grande pensador pôs tôda a moral cristã nos moldes da filosofia de Aristóteles; o gênio grego e o frade da idade média encontram-se e tornam-se amigos... A ética do doutor angélico... em tôda a sua beleza e generosidade, não passa duma fraca imagem da ética celeste, oriunda da Encarnação, e descrita por S. Paulo..." (Espírito Cristão, 52).

Vonier pode ter razão quando acusa a literatura espiritual de não acentuar sempre na devida forma o caráter essencialmente sobrenatural da moral cristã. "Não pode haver maior perigo para a causa cristã do que a tentativa de exprimir a vida cristã somente em termos filosóficos, legais, ou mesmo canônicos, e considerar tais expressões como capazes de enunciar e de esgotar a matéria" (I.c. 53). Mas é injusto colocar S. Tomás neste número. Prova todo o nosso estudo. Prova esta sua insistência que só o Amor de Deus será recompensado; o resto é uma bagatela, uma gota de água no oceano da visão eterna.

Aliás o próprio Vonier não penetra no âmago da questão. Pois a sua distinção entre espírito cristão geral e espírito cristão especial visa a imitação do Cristo Encarnado — imitação de Cristo que não passa de causa exemplar extrínseca da perfeição espiritual, enquanto o fundamento metafísico da vida cristã e de sua perfeição é a vida trinitária participada pelo amor.

Medida de Santidade

Perfeição espiritual não é a soma total das virtudes, mas o amor de Deus. Só amor dá às virtudes existência e valor no céu. "Ita quod caritas habeat illud essentialiter... ceterae virtutes participative" (Verit 14,5).

Mas amor "plus" boas obras não seria ainda mais perfeito? mas meritório? Não. As virtudes, as boas obras, dão auréolas e nada mais. Portanto, só favorecem ainda a vaidade em vez de darem tôda honra e glória a Deus. Tôda glória a Deus... e dispense a sua auréola!

Amor de Deus e virtudes, amor de Deus e boas obras se relacionam como essencial e accidental. A ação virtuosa produz por sua natureza ("ex genere suo") o prêmio accidental. O Amor produz o prêmio essencial e êste "quantumcumque sit parvum" (4 Sent 49,5,1 ad 5) é sempre maior que qualquer mérito de virtudes. Se nossas boas obras fôrem nascidas do amor, ser do seu ser, animados pelo amor ("imperatum, informatum") então elas participam da nobreza da graça, jorram para a vida eterna (Jo 4,14). Mas sôzinhas não passam da auréola.

Tanto quanto amor penetrou em nossas ações, tanto valor divino têm. "Perfectio spiritualis vitae ex caritate pensanda est" (Quodlib. 3,17). Medida da santidade é o amor de Deus. "Deus magis pensat ex quanto quam quantum fiat". O prêmio essencial "generatur secundum intensionem caritatis, non secundum multitudinem factorum" (3 Sent 29,8,2).

Camuflagem

Naturalmente deve ser amor real, não amor em camuflagem. Há quem grite com ênfase: fora com todo legalismo, Deus não é jurista, no cristianismo só vale o amor. E por tanto amor tôdas as faltas contra a regra passam por ninharias e bagatelas... pois o amor absolve tudo.

Mas o amor não absolve tudo. Nem é amor, se alguém não se esforça por cumprir a lei de Deus até aos seus mínimos detalhes. É sentimentalismo. Não, é fita. "Não aquêle que diz: Senhor, Senhor, entra no reino de Deus, mas quem faz a vontade do meu Pai (Mt 7). Amor de Deus não são eflúvios sentimentais da fantasia, mas atos da vontade de servir a Deus, e no duro. Lógico. Podem ser simples afetos da alma, êstes atos de amor. Mas devem ser não só queremismos, mas sim atos da vontade.

Rematando

Sempre de nôvo temos de pregar às criaturas desta terra que só o amor de Deus conduz a Deus. Mesmo que fizessem milagres, transportassem montanhas, ressuscitassem defuntos, praticassem a caridade até ao martírio — sem amor nada seria. De nada valeria. Zero.

Rei Creso da Lídia, segundo a lenda, tinha o dom de transformar tudo quanto tocasse em ouro puro. Até a sua comida e bebida. E quase morreu de fome, não fôsse libertado em tempo dêste privilégio indesejável. O cristão possui êste dom maravilhoso. Tudo quanto faz, por insignificante que seja, se transforma em ouro. Até a sua comida e bebida. Se êle fizer tudo quanto faz com atenção a Deus. "Pondus meum amor" (Agostinho). Não seja esta douração somente uma camadinha fina que depois de três semanas de uso já descascou — seja ouro massiço. S. Teresinha ao morrer nos deixou a quintessência da vida espiritual por testamento: "Agora eu disse tudo... o único que vale, é o amor" (Novíssima Verba 29,9).

Não percamos tempo em percorrer na vida espiritual tôdas as paisagens bonitas da periferia! Deixemos êste turismo para depois. Vamos reto ao centro — Deus. E só o atingiremos amando-o.

Uma voz do além-túmulo

No Carmelo de Florença morrera uma jovem professa, Soror Maria Benedita Vettori. Morte imprevista, repentina. Uma febrezinha, daquelas que a gente nunca sabe bem ao certo se é de micróbios ou é de Deus. De repente um profundo suspiro e uma pomba branca evolvendo para o céu.

"Morreu tão jovem, mas foi sempre bem fervorosa, dizia o comentário póstumo das suas co-irmãs. Foi doentia, precisava de cuidados, Deus a livrou dos sofrimentos. Não ultrapassou a linha média, mas esforçou-se por participar dos atos comuns com tanta edificação".

Entretanto S. Maria Madalena de Pazzi caiu em êxtase e viu a sua santa alma na glória de Deus, vestida de ouro puro, símbolo do seu amor, e em cada dedo um anel brilhante (são as auréolas. NB: os homens no céu não estão obrigados a usar alianças no dedo ou coroas na cabeça). "Viu que

sua glória superava grande multidão de outras virgens, mesmo do seu próprio mosteiro, e viu que cinco horas após a sua morte, já contemplava intrépida a humanidade e a divindade do Verbo" (AASS 19,267).

Em transportes de júbilo S. Maria Madalena exclamou: "Feliz de ti, que soubeste carregar um tesouro escondido. Que grandeza de alma! Ser distintíssima nas mínimas coisas e parecer tão comum aos outros! O Verbo Eterno teria pouca cousa a premiar, fôsem só as obras externas a considerar. Breve foi seu tempo em que podia trabalhar. Mas grandes foram suas obras, foram contínuas, poucos fizeram igual; pois foram obras internas. Ó grandeza das obras internas que é tão pouco compreendida! Mais vale um único ato interno do que mil anos de obras exteriores... Não me admiro que Deus a tenha chamado para si tão depressa... Agora na pátria, tu não andas mais de cabeça baixa como fazias entre nós, mas caminhas triunfante "et deliciis affluens" em meio aos coros celestiais... ora pro me" (L.c. 268).

Mil anos de faxina

Um único ato de amor vale mil anos de obras externas!

Quê grande palavra!

Exagêro? Voltando daquele outro mundo que ultrapassa tôdas as nossas medidas, a alma costuma expressar-se em têrmos fortes, que precisamos reduzir a sua devida escala planetária. Desta vez porém está tudo certo: um ato de amor vale bem muito mais que mil anos de obras puramente exteriores.

As coisas dêste mundo são bôlhas de sabão (Faber). Um ato de amor é uma obra perfeita e tem maior poder que qualquer outra obra. E um ato de amor pode ser feito em um instante, e sobe, rápido, como um raio, até ao terceiro céu.

Não importa o que fazemos. Importa o amor com que agimos.

Mesmo que tivesses o dom dos milagres ou fizesses mil obras de caridade — sem amor de Deus tudo inútil.

"Revestí-vos de Amor" (Col 3,14).

DECISÃO IMPORTANTE DA SANTA SÉ

Pe. Frei Francisco Xavier Bockey OFM

1 — Em vista da desvalorização da nossa moeda compreende-se a consulta que os Religiosos nós fizeram com regular freqüência: **Qual a soma, nos tempos atuais, além da qual se deve pedir licença à S. Sé, quando se pretende alienar bens ou contrair dívidas, empréstimos, etc.?**

É claro que, neste assunto, ninguém pode seguir, simplesmente, seu parecer particular, mas está obrigado a obedecer, com exatidão, às normas dadas pela Sé Apostólica. Ao aprovar Constituições novas ou reformadas, a Sagrada Congregação dos Religiosos, desde muito, não quer que se estatuem somas concretas nem admite que se entenda em valor d'ouro as quantias prefixadas pelo Código de Direito Canônico. No decorrer dos anos, a S. Sé determinou, várias vêzes, somas exatas que os Religiosos não puderam ultrapassar sem o indulto apostólico (Cf. as decisões da Sag. Congregação Consistorial de 13 de julho de 1951 (AAS, 43 (1951), 602 sg.; 25 de julho (Prot. N. 336-44; cf. CpR. 33 (1952), 217 sgs) e 8 de outubro de 1952 (Notificada, oficialmente, pela Sagr. Congregação dos Religiosos no dia 29 de janeiro de 1953. Prot. N. 2.422-46). Tivemos ainda conhecimento de algumas respostas particulares. No entanto, não se pode duvidar ou negar que a soma oficialmente estabelecida se tenha tornado ridícula em face da realidade em o nosso País. Diante disto, foi muito oportuna a "Notificação" de 30 de junho do ano passado, na qual a Sagr. Congregação dos Religiosos diz o seguinte, mais ou menos:

Como, devido às condições particulares dos nossos tempos, o valor do dinheiro foi, várias vêzes, mudado, a S. Congregação proposta aos negócios das pessoas religiosas achou oportuno acomodar às novas necessidades surgidas a norma, em virtude da qual os Institutos dos Estados de perfeição, ultrapassando a certa e determinada soma, devem recorrer à S. Sé nos negócios, dos quais se trata no cân. 534 do Código do Direito Canônico.

Dai, tendo ponderado maduramente o assunto e obtido a aprovação do Santíssimo Senhor Nosso, na audiência do dia 22 de janeiro de 1962, a mesma Sagrada Congregação estatui, até que se decida coisa diferente, que o indulto apostólico deve ser impetrado, sempre que nas alienações a fazer ou dívidas e obrigações a contrair, fôrem excedidas as somas abaixo referidas, observando-se no mais as coisas prescritas pelo mesmo cân. 534:

1 — Inglaterra:	Libras inglesas (Pounds)	5.500
2 — Áustria:	Schilling	400.000
3 — Bélgica:	Francos belgas (Francos)	800.000

4 — Dinamarca:	Coroas dinam. (Kroner)	110.000
5 — França:	Franco franceses (NF)	75.000
6 — Alemanha:	Marcos (DM)	60.000
7 — Suíça:	Franco suíços (Franken, Francs)	65.000
8 — Espanha:	Pesetas (Pts)	900.000
9 — Itália:	Liras Italianas (Lire)	9.000.000
10 — Portugal:	Escudos	450.000
11 — Holanda:	Gulden, Florins	55.000
12 — Noruega:	Coroas Norueg. (Kroener)	110.000
13 — Suécia:	Coroas suecas (Kroner)	80.000
14 — Para a América e tôdas as Nações não contidas neste índice:	Dólares (Doll. U. S. A.)	15.000

Roma, aos 30 de junho de 1962.

P.P. Philippe, O.P.
Secretário

Valerio Card. Valeri
Prefeito

É de notar que o cânone 534, unido ao cânone 1.532, § 1. 1.º, requer a observância dessa norma não apenas na venda de bens eclesiásticos no sentido comum ou no contrair dívidas e obrigações econômicas, mas ainda na alienação de coisas preciosas, às quais a decisão da Sagr. Congregação do Concílio de 12 de julho de 1919 (AAS, II (1919), 415 a 419), igualou os ex-votos. De acôrdo com o cân. 1497, § 2 pertencem aos bens preciosos tôdas as coisas que têm um valor notável em atenção à arte, à história ou também à matéria de que são feitas. Ainda que o valor deva ser notável, não precisa, nem de longe, atingir o preço-limite. Segundo os canonistas basta a trigésima parte do valor, além do qual se deve recorrer à S. Sé (Cf. Vermersch, Epitome, ed. 7.a., vol. II, n.º 819, pág. 572; n.º 854, pág. 601; veja também o parecer do consultor da Sagr. Congregação do Concílio (AAS., II (1919), 415 a 419). O valor indicado refere-se, portanto, exclusivamente, aos demais bens a serem alienados e às dívidas e obrigações econômicas a contrair.

Constando assim a soma, além da qual é preciso recorrer à S. Sé, compete aos Religiosos determinarem, internamente, as competências relativas a essa importância e às somas inferiores. Por conseguinte:

1 — O Superior Geral, tendo o consentimento do seu Conselho, manifestado através de votação secreta, pode alienar bens e contrair dívidas e obrigações até a soma máxima de 15.000 dólares. Suposto o mesmo consenso, assiste-lhe também o direito de conceder a licença às entidades e representantes da sua religião.

2 — Em se tratando de Províncias, o Capítulo ou Conselho Geral determinará o valor dos bens que podem ser alienados com a licença por escrito do Superior Geral, precedida do consentimento dos Conselhos Provincial e Geral, manifestado por votos secretos. Indicará também os casos em que o Superior Geral sozinho pode anuir a um pedido do Provincial, feito com prévio consentimento do seu Conselho, dado por votação secreta.

3 — Igualmente, o Capítulo ou Conselho Geral fixará o valor dos bens cuja venda pode ser facultada pelo Superior Provincial, depois de ter obtido, em votação secreta, o consentimento do seu Conselho.

4 — O Capítulo Provincial definirá qual o valor máximo dos bens que podem ser alienados com a licença só do Superior Provincial ou só do Superior local, prévio num e outro caso o voto deliberativo do Conselho da casa.

Importa lembrar que a S. Sé, e daí também as Constituições costumam sempre prescrever e supor o consentimento dos respectivos Conselhos, manifestado através de votos secretos. Aplica-se essa norma tanto aos casos de alienação propriamente dita como também aos casos em que se desejar contrair empréstimos ou obrigações económicas similares.

A petição para alienar um bem divisível deve indicar as partes, porventura já vendidas, senão a licença ou o consentimento é sem valor jurídico. Novos empréstimos, inferiores ao limite estatuído para o recurso à S. Sé, são permitidos, desde que já tenham sido pagas as dívidas provenientes de empréstimo anterior, contanto que não se use de fraude como seria o caso de se fazer empréstimos menores a fim de conseguir certa soma, cujo montante total e intencionado requereria o recurso à S. Sé.

CASAS RELIGIOSAS FEMININAS FUNDADAS E FECHADAS EM 1960.

A — CASAS FUNDADAS

ORDEM OU CONGREGAÇÃO	S E D E	NOME DA CASA	LOCALIDADE
Ação Paroquial, Congr. das Miss. Amor Divino, Congr. das Filhas do Assunção, Congr. das Irmãszinhas da	Tietê-SP Natal-RN São Paulo-SP	Crèche S. Vicente de Paulo Patronato da Divina Providência Casa das Jovens Centro Social Maria de Jesus	Capivari-SP Guaibuba-CE Lorena-SP Fernandópolis-SP
Beneditinas Mission. de Tutzing, Congr. das Irmãs	Sorocaba-SP	Convento Nossa Senhora das Graças	S. Paulo-SP
Bom Pastor de Angers, Congr. de Nossa Senhora da Caridade	R. de Janeiro-GB	Instituto Bom Pastor	Caxias do Sul-RS
Canossianas, Congr. das Filhas de Caridade	Araras-SP	Instituto Canossa	Araras-SP
Carmelitas da Divina Providência, Con- gregação das Irmãs	Maringá-PR	Casa São José Escola Nossa Senhora do Carmo Fundação Nossa Senhora do Carmo	Teresópolis-RJ Brasília-DF Teresópolis-RJ
Carmelitas Servas dos Pobres, Congr. das Irmãs	R. de Janeiro-GB	Lar São Bento	S. Paulo-SP
Clarissas Franciscanas Miss. do SS. Sacramento, Congr. das Irmãs	B. Horizonte-MG	Casa de Repouso N. Sra. de Lourdes	Prud. Moraes (Sete Lagoas)-MG
Catequistas, Companhia das	Rodeio-SC	Casa da Santíssima Trindade Casa Nossa Senhora de Fátima Casa Santa Inês de Assis	Corruchel (Pouso Redondo)-SC Joinville-SC Luiz Alves-SC
Croação Imac. de Maria, Congr. das Filhas	Caucaia-CE	Hospital São José	Bicas-MG
Concepcionistas do Ensino, Congr. das Religiosas	S. Paulo-SP	Educandário Maria Imaculada Educandário Regina Pacis Casa de Caridade	Goianésia-GO B. Horizonte-MG Pirai-RJ
Combonianas, Congr. das Irmãs Mis- sionárias	João Neiva-ES (Ibiraçu)	Casa Regional	Ilha M. Belo-ES

ORDEM OU CONGREGAÇÃO	S E D E	NOME DA CASA	LOCALIDADE
Divina Providência, Congr. das Irmãs	Florianópolis-SC	Hospital São José	Jaraguá do Sul-SC
Divinas Vocações, Congr. das Irmãs Divino Infante, Congr. das Pobres Irs. do	Paulo Afonso-BA	Casa São Bonifácio Orfanato Nossa Senhora das Dôres Esc. Primária	S. Paulo-SP R. de Janeiro-GB Garanhuns-PE
Divino Mestre, Pias Discípulas do Divino Salvador, Congr. das Irmãs do	S. Paulo-SP Videira-SC	Casa Creche "Conde Modesto Leal" Colégio "Regina Apostolorum" Hospital Municipal de Hospital São Luiz	Caxias do Sul-RS Joinville-SC Planalto-RS Passo Fundo-RS Campo Alegre-SC
Dominicanas da Beata Imelda, Congr. das Irmãs	Corn. Procópio-PR	Jardim de Infância São Domingos Sávio	Pedrinhas-SP
Dominicanas de N. Sra. do Rosário de Monteils Enfermos, Congr. das Irs. Ministras dos Escolápias, Pio Inst. das Filhas de Maria Religiosas	S. Paulo-SP Aracaju-SE	Pensionato Nossa Senhora do Rosário Noviciado São Camilo	Uberaba-MG S. Leopoldo-RS
Espírito Santo, Congr. das Oblatas do	Parque Industrial-MG (Mun. Contagem)	Instituto Mater Salvatoris Instituto Mater Salvatoris Colégio Nossa Senhora do Carmo Ginásio Helena Gerra	S. Paulo-SP S. Paulo-SP Campos Gerais-MG Parq. Industrial-MG
Espírito Santo, Congr. das Mission. Servas do	Sto. Amaro-SP	Educandário Sagrado Coração de Jesus	Quatro Pontes (Toledo)-PR
Franciscanas da Ação Católica, Congr. das Irmãs	Caçador-SC	Hospital e Maternidade	Barra Bonita-SP
Franciscanas, Congr. das Irmãs	Rio Negro-PR	Convento Coração de Jesus	Rio Negro-PR
Franciscanas de Gnadenthal, Congr. Irmãs	S. Paulo-SP	Hospital Getúlio Vargas Filho	Niterói-RJ
Franciscanas Hospitaleiras Portuguesas, Congr. das Irmãs	Salvador-BA	Ginásio Brasília Hospital "Henrique Lajes"	Brasília-DF Lauro Müller-SC
Franciscanas Mission. do Cor. Imac. de Maria, Congr. das Irmãs	Timbauba-PE	Escola da Rêde Viagem	Ponta Grossa-PR
Franciscanas Mission. Del Giglio, Cong. das Irmãs		Crèche	Santo André-SP

ORDEM OU CONGREGAÇÃO	S E D E	NOME DA CASA	LOCALIDADE
Franciscanas Mission. de Maria, Congr. das Irmãs	R. de Janeiro-GB	Casa Nossa Senhora de Lourdes Casa Nossa Senhora de Guadalupe	S. Paulo-SP Marília-SP
Franciscanas de N. Sra. do Amparo, Congr. das Irmãs	Petrópolis-RJ	Escola Nossa Senhora do Carmo Orfanato Nossa Senhora do Amparo Seminário Diocesano N. Sra. da Salte	Nereu Ramos (Jaraguá do Sul)-SC Rio de Janeiro-GB Rib. Grande-SC
Franciscanas de N. Sra. Aparecida, Congr. das Irmãs	P. Alegre-RS	Betânia Nossa Senhora da Saúde Betânia Rainha do Brasil Betânia Santa Catarina Betânia Santa Isabel	Monte Veneto-RS P. Alegre-RS Praia Grande-SC Putinga (Encantado)- (RS) Barretos-SP
Franciscanas da Penitência, Congr. Irs. Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, Congr. das Irmãs	Bariri-SP Santa Maria-RS	Crèche Educandário Nossa Senhora do Carmo Escola Normal N. Sra. de Fátima Hospital São Paulo	Barretos-SP Guaira-PR Brasília-DF Linha S. Paulo-SP (Cêro Largo)
Franciscanas da 3.ª Ordem Seráfica, Congr. das Irmãs	Pindamongaba-SP	Casa Nossa Senhora Aparecida Pré-Seminário São José	Brasília-DF Orizona-GO
Imaculada, Inst. das Missionárias de Imaculada Conceição, Congr. Irmãs Instrução Cristã, Congr. das RR. da Jesus Adolescente, Congr. Irmãs de Jesus Bom Pastor, Congr. Irmãs de Jesus Crucificado, Congr. Irmãs Missionárias de	Assis-SP Recife-PE Campo Grande-MT Caxias do Sul-RS Campinas-SP Fortaleza-CE P. Alegre-RS	Seminário Missionário Pio X Educandário Nossa Senhora de Fátima Escola São Francisco de Assis Instituto Imaculada Conceição Lar Santa Catarina Casa dos Santos Anjos Instituto Sagrada Família Casa Jesus Crucificado	Assis-SP Tucanduva-RS Manguaçu-PR Campo Grande-MT P. Alegre-RS Americana-SP Parnaíba-PI Londrina-PR

ORDEM OU CONGREGAÇÃO	S E D E	NOME DA CASA	LOCALIDADE
Jesus Crucificado, Congr. das Irmãs Missionárias de	P. Alegre-RS V. Capão Redondo-SP	Casa São Pedro Casa Jesus Nosso Rei Lar da Criança e Crèche D. Nhanhá	Rio Grande-RS S. Paulo-SP Marília-SP
Jesus Eucarístico, Pias Discípulas Jesus Sacerdote, Inst. das Servas de	Ituverava-SP Ribeirão Preto-SP	Instituto Jesus Eucarístico Economato Guaxupé Lar Monte Santo	Rio de Janeiro-GB Guaxupé-MG Mte. Santo de Minas-MG
Jesus na SSma. Eucaristia, Congr. das Irmãs de	Cach. do Itapemirim-ES S. Paulo-SP Recife-PE	Hospital Dr. Armando Vidal Instituto S. M. Mazzarello Noviciado Maria Auxiliadora	S. Fidelis-RJ Cruzeiro-SP Carpina-PE
Maria Auxiliadora, Congr. das Filhas de Maria do Brasil, Ordem 3.ª Regular das Servas de	Rio de Janeiro-GB S. José dos Campos-SP	Hospital Barão de Cocais Hospital Sanatório de Catanduva	Barão de Cocais-MG Catanduva-SP
Maria Imaculada, Congr. das Pequenas Missionárias de Maria Reparadora, Congr. das Servas de	Rio de Janeiro-GB Salvador-BA	Hospital Nossa Senhora de Fátima Casa de Formação N. Sra. Mercês	Eral (Campos Novos)-SC Sto. Amaro de Jesus (BA)
Mercedários Mission. do Brasil, Congr. das Religiosas Terciárias Nessa Senhora, Congr. Irmãs de	Passo Fundo-RS Rio de Janeiro-GB	Casa Betânia Hospital Prof. Annes Dias Sta. Casa de Misericórdia	Rio de Janeiro-GB Ibirubá-RS S. Lourenço do Sul (RS)
N. Sra. de Lourdes, Religiosas da Imac. Conceição de N. Sra. das Mercês, Inst. das Irmãs de N. Sra. da Piedade, Congr. das Irmãs Auxiliares de	Niterói-RJ B. Horizonte-MG	Externato Virgem de Lourdes Casa de Noviciado Ginásio São José	Nova Friburgo-RJ Divinópolis-MG
N. Sra. do Sagrado Coração, Filhas de	S. Paulo-SP	Hospital São José Inst. N. Sra. do Perpétuo Socorro Inst. N. Sra. do Sagrado Coração	Barracão-PR Brasília-DF Capanema-PR

ORDEM OU CONGREGAÇÃO	S E D E	NOME DA CASA	LOCALIDADE
N. Sra. do SSmo. Sacramento, Congr. Irmãs de Preciosíssimo Sangue, Congr. Irmãs Adoradoras do Sagrada Família, Congr. da Sagrada Família, Congr. Servas da Sagrado Coração de Jesus, Congr. das Mission. Zeladoras do	Manhumirim-MG	Educandário Coração Eucarístico	B. Horizonte-MG
Sagrado Coração de Maria, Congr. Irmãs do Santa Catarina de Sena, Irmãs Pobres de Santa Catarina Virgem e Mártir, Cong. das Irmãs de	Manáus-AM Recife-PE Salvador-BA	Escola N. Sra. da Conceição Vila Vicentina Lyceu Salesiano (dos S. D. B.)	Almeirim-PR Goiânia-GO Salvador-BA
Santa Isabel, Congr. das Irmãs da Sant'Ana, Congr. das Filhas de	S. Paulo-SP	Esc. Normal Sagrado Coração de Jesus Ginásio Stella Maris	Itumbiara-GO Andradina-SP
Santa Teresa de Jesus, Congr. das Filhas de	Araguari-MG Salvador-BA	Residência das Irmãs Hospital São Paulo	Londrina-PR Rinópolis-SP
Santa Úrsula, Inst. das Oblatas de	S. Paulo-SP Nôvo Hamburgo-RS Rio de Janeiro-GE Recife-PE	Casa de Saúde Santo Antônio Hospital São José Escola Paroquial Sag. Cor. de Jesus Lar Escola São (José) Judas Tadeu Hospital São Vicente de Paulo Patronato Sant'Ana	Barra do Pirai-RJ Teresópolis-RJ Nôvo-Hamburgo-RS Nova Iguaçu-RJ S. Vicente de Minas (MG) Sant'Ana do Acarau (CE)
Santa Úrsula, União Romana da Ordem de	Crato-CE	Asilo S. Vicente de Paulo Crèche Setella Scatena Simione Ginásio Antônio Araripe Sanatório Ana Diederichen Santa Casa de Misericórdia	Sertãozinho Norte-SP Sertãozinho-SP Tauá-CE Ribeirão Preto-SP Pontal-SP
	Jundiá	Casa de Assistência Rural Centro Social Rural Pôsto de Assistência Rural	Luiz Gonzaga, Dist. de SP Valinhos-SP Murungaba (Vila) SP
	Rio de Janeiro-GE	Instituto Santa Olga	S. Paulo-SP

ORDEM OU CONGREGAÇÃO	SEDE	NOME DA CASA	LOCALIDADE
Santíssima Trindade, Congr. das Servas da	Rio de Janeiro-GB	Casa do Padre	Rio de Janeiro-GB
Santo André, Congr. das Religiosas de	Campinas-SP	Vila Imaculada	Campo Largo-PR
Santo Antônio Maria Claret, Congr. das Missionárias		Colégio Pio XII	Londrina-PR
		Ginásio Diocesano	Porecatu-PR
		Hospital e Matern. N. Sra. de Conc.	Guarulhos-SP
		Jardim de Infância N. Sra. das Graças	Londrina-PR
		Lar Santo Antônio	Londrina-PR
		Lar São José	Catanduva-SP
		Fré-Seminário N. Sra. do Patrocínio	Caldas-MG
		Vila Vicentina	Caldas-MG
S. Carlos Borromeu, Congr. das Irmãs Missionárias de	Caxias do Sul-RS	Escola São João Batista	Vespasiano Correia (RS)
S. Carlos de Lyon, Congr. das Irmãs de Santos Estigmas de S. Francisco., Congr. das Pobres Filhas dos	S. Paulo-SP	Hospital São Roque	Arroio 30 (Videira)SC
S. José de Chambery Congr. das Irs. de	Petrópolis-RJ	Escola Paroquial S. Carlos Borromeu	Volta Redonda-RJ
S. José de Cluny, Congr. das Irmãs de	Garibaldi-RS	Hospital Santa Luzia	Duartina-SP
		Hospital Beneficente S. Pedro	Segrêdo (Vacaria) RS
		Santa Casa de Misericórdia	Lucélia-SP

B — CASAS FECHADAS

ORDEM OU CONGREGAÇÃO	SEDE	NOME DA CASA	LOCALIDADE
Capuchinhas de S. Francisco de Assis, Congregação das Missionárias	Fortaleza-CE	Patronato Padre Dionísio Mosca	Aratuba (Pacoti) CE
Carmelitas Servas dos Pobres, Congr. das Irmãs	Rio de Janeiro-GB	Noviciado São José	Rio de Janeiro-GB
		Retiro N. Sra. de Lourdes	Teresópolis-RJ

ORDEM OU CONGREGAÇÃO	S E D E	NOME DA CASA	LOCALIDADE
Catequistas, Companhia das	Rodeio-SC	Casa N. Sra. de Loreto	Diamantina (Rodeio) (SC)
Clarissas Franc. Mission. do SSmo. Sacramento, Congr. das Irmãs Divino Salvador, Congr. das Irmãs do (1)	B. Horizonte-MG	Casa Padre Carlos	São José-SC
Franciscanas da Imaculada Conceição, Congr. das Irmãs	Videira-SC	Casa Imaculada Conceição	Diamantina-MG
Franciscanas de Nosso Senhor, Congr. das Irmãs	Araraquara-SP	Hospital São José	Videira-SC
Franciscanas da 3.ª Ordem Seráfica, Congr. das Irmãs	Baependi-MG	Pensionato N. Sra. dos Anjos	Campinas-SP
Imaculada, Instituto das Missionárias da	Pindamonhangaba-SP	Instituto Imaculada Conceição	Jequitinhonha-MG
Jesus Sacerdote, Instituto das Servas de	Assis-SP	Educandário Santo Antônio	Cuiabá-MT
Jesus na SSma. Eucaristia, Congr. das Irmãs de	Ribeirão Preto-SP	Colônia Italiana de Pedrinhas	Assis-SP
Maria Auxiliadora, Congr. das Filhas de (1)	Cachoeiro do Itape- mirim-ES	Crèche D. Nhanhá	Marília-SP
Maria N. Sra., Ordem da Companhia de	S. Paulo-SP	Educandário Carmelita Dutra	Pinhal-SP
Nossa Senhora, Congr. das Irmãs de N. Sra. da Anunciação, Congr. das Servas de	Sta. Cruz do Rio Pardo-SP	Lar da Criança	Marília-SP
N. Sra. do Calvário, Congr. das Irmãs de	Passo Fundo-RS	Santa Casa de Misericórdia	Campos-RJ
N. Sra. da Piedade, Irmãs Auxiliares de Providência, Congr. das Irmãs da	Ananindéua-PA	Santa Casa de Misericórdia	S. José dos Campos (SP)
	S. Paulo-SP	Caixa da Criança	Regente Feijó-SP
	B. Horizonte-MG	Hospital B. Gema Galgani	Soledade-RS
	Tietê-SP	Casa da Criança	Caçapava-SP
		Sta. Casa de Misericórdia "S. Miguel".	Guaçu-ES
		Hospital Vaz Monteiro	Lavras-MG
		Hospital N. Sra. de Caravaggio	Jaquirana (S. Fco. de Paula)-RS

ORDEM OU CONGREGAÇÃO	S E D E	NOME DA CASA	LOCALIDADE
Sag. Cor. de Jesus, Congr. das Filhas do	Pôrto Alegre-RS	Casa dos Amigos de Sto. Antônio	Pôrto Alegre-RS
Sag. Cor de Jesus, Congr. das Mission. Zeladoras do (1)	S. Paulo-SP	Casa da Criança	S. João da Boa Vista (SP)
Santana, Congregação das Filhas de Santíssima Trindade, Congr. das Servas da	Recife-PE	Hospital Domingos Freire	Belém-PA
SSmo. Sacramento e M. Imaculada, Congr. das Religiosas Missionárias do	Rio de Janeiro-GB	Ermida N. Sra. da SSma. Trindade	Miguel Pereira-RJ
S. Vicente de Paulo, Filhas da Caridade de (1)	Salvador-BA	Orfanato da Polícia Militar	Rio de Janeiro-GB
S. Vicente de Paulo, Filhas da Caridade de (2)	Rio de Janeiro-GB	Hospital Naval Marcílio Dias	Rio de Janeiro-GB
	Curitiba-PR	Hospital Dr. João Silveira	Marcelino Ramos-RS

DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA DA C.R.B.

A DIRETORIA NO PENSIONATO — APÓSTOLA E CONSAGRADA

Pelo Revmo. Cônego Matagrín

(continuação do número anterior)

II — AS CONDIÇÕES DE UM TESTEMUNHO APOSTÓLICO

Nesta segunda parte esboçaremos algumas condições que permitirão triunfar dessas dificuldades, para exercer de modo verdadeiramente apostólico, a tarefa de diretora de pensionato.

Faremos reflexões em tórno de três tópicos: verdadeiro conceito do papel de diretora; maneira de ser religiosa; aceitação de seus limites.

1 — Conceito do papel de Diretora: É inútil querer dar um testemunho apostólico, fora do cumprimento leal do dever de estado de Diretora. Nenhum zêlo apostólico pode suprir a uma incompetência ou a graves negligências na gestão da casa. Sem competência técnica, não se fará apostolado. As refeições devem ser servidas à hora marcada, e ser de boa qualidade; a casa deve ser limpa e bem tratada. Isso é de justiça, e a ela os jovens são particularmente sensíveis.

O pensionato não é simplesmente um hotel, mesmo que assim o considere a mentalidade de certo número de pensionistas. Aliás, muitas assim consideram até a própria família, o que já foi confirmado por um inquérito recente. O pensionato deve possuir espírito de família, e a boa marcha do que se refere ao material, nada seria, se nêle não reinasse um determinado clima, um ambiente de confiança, de compreensão, de liberdade, de alegria. A criação e a manutenção dessa atmosfera exigem competência, diferente da competência administrativa ou organizadora. Exigem uma autoridade firme e compreensiva ao mesmo tempo, arte, tato, confiança. A diretora de um pensionato deve ser educadora. É bem diferente a casa considerada como um hotel que deve ir para a frente, e a casa considerada como uma comunidade que se deve animar. O bem comum não consta apenas de elementos materiais, mas dos elementos espirituais, de que a responsável deve ter a preocupação.

A Diretora tem a missão de definir e de promover o bem comum do pensionato. Os componentes do bem comum são diferentes, conforme a natureza da comunidade. O da família, o de uma emprêsa, o da nação, o da Igreja, são diferentes entre si. No nosso caso, é necessário atender-se à natureza do pensionato, para saber quais são os elementos do seu bem comum. Nêle está o fundamento da autoridade, e ao mesmo tempo o dos seus limites. Pode-se exigir tudo o que é pedido pelo bem comum, mas deve-se

limitar ao que é pedido pelo bem comum. A autoridade irá mais longe em suas exigências, conforme a natureza e o valor do bem do grupo de que está encarregada. O pensionato não é uma comunidade primária, como a família; é uma comunidade secundária. As duas células básicas da sociedade são a família e o estado, e não o pensionato. Essa comunidade secundária tem objetivo limitado. A própria família deve estar vigilante para não ficar voltada para si mesma, em uma comunidade fechada, totalitária. Procurará permitir às crianças e jovens desabrocharem progressivamente, aos diversos grupos de que podem participar, por necessidade ou por escolha. Também o pensionato tem de estar atento para não se erigir em comunidade totalitária. Pareceu-nos interessante esta definição de pensionato: "é um estabelecimento onde as moças, afastadas da família, acham a segurança da vida material, e um apoio para resolverem suas dificuldades espirituais". Acentua os dois elementos: hospedagem e apoio. Eis os dois objetivos, os dois componentes do bem comum, o fundamento da autoridade da diretora, e também o dos seus limites.

Seria preciso poder, partindo de situações precisas, refletir na extensão e nos limites da autoridade da diretora no pensionato. A consideração de certos fatos prepara as decisões importantes que deverão ser tomadas.

As pensionistas são de tipos diferentes: algumas têm sede de responsabilidades, e se não a possuem, contestam a autoridade. Outras só querem ficar passivas, e receber. É necessário buscar o melhor meio de permitir a umas e a outras, de se realizarem: às primeiras, ultrapassar o estado de crise, de crítica de negação, e às outras, o abandono da letargia e da passividade. O melhor meio para atingir tais objetivos será esforçar-se por confiar o maior número possível de responsabilidades ao maior número possível de jovens. É difícil, mas não impossível. Várias são as experiências feitas nesse sentido. Se acreditamos realmente na pessoa, criada à imagem de Deus, livre e responsável, se nos elevamos um pouco mais do que o nosso ponto de vista, conseguiremos realizar esse ideal. No mundo atual cresce o valor das técnicas. Estamos persuadidos de que o único meio de salvar a pessoa é multiplicar os seres responsáveis que poderão contrabalançar, por um peso de consciência e liberdade, ao peso dessas técnicas.

De modo geral o bem comum tem mais oportunidade de ser observado se além do chefe, detentor da maior autoridade, houver um maior número de responsáveis. O mesmo vale para as famílias, onde os filhos vão participando dos encargos do grupo.

Outro ponto importante é a educação do sentido da comunidade, pelo despertar da participação às responsabilidades. Se, na hora atual, nos achamos diante de uma grave crise da democracia, e se a democracia se funda especialmente, em pessoas responsáveis; se nos achamos diante de uma grave crise de civismo, não seria porque, na família, nos colégios, nos internatos, nas comunidades, não se faz bastante atenção à educação do sentido de comunidade? Se na adolescência a pessoa não recebe essa formação, dificilmente a conseguirá mais tarde.

Abertura e reserva: A diretora assume uma responsabilidade moral

perante os pais. O exercício desta responsabilidade desperta questões complexas e delicadas.

Certas moças não aceitam o internato, e grande porção, entre elas, recusa o meio dos adultos. Parece-nos que a grande lei nessa matéria, será a do máximo de liberdade às almas. Como ponto de partida, é necessária uma atitude de abertura e de reserva, e isso não é contraditório. "Abertura e reserva" — Tôdas sintam que podem dirigir-se à diretora religiosa; Tôdas saibam também que não são obrigadas a isso, e que não serão mal vistas se não o fizerem.

"Abertura e reserva" — Acolhimento daquelas que se dirigem a nós, acolhimento das que sofrem, acolhimento mais delicado ainda das que se fecham.

Evitemos dar a impressão de que procuramos tê-las. A diretora acolherá as confidências, mais ainda do que as provocará. O essencial é que as moças se sintam confiantes, sintam que nos interessamos por sua vida. Talvez um dia, elas falem do que fazem, dos trabalhos, dos lazeres, dos encontros... Um dia talvez falem do que são; abrir-se-ão mais a respeito de suas pesquisas morais e problemas espirituais.

Assim, partindo das atividades, passando às vêzes pelos encontros, depois por problemas mais pessoais, chegar-se-á a uma troca em nível mais profundo. Devemos considerar que, nessas passagens para níveis mais profundos, convém deixar a iniciativa à moça, e não lhe dar a impressão de querer levá-la a um plano a que não deseja chegar.

Nisso, a grande regra é o acolhimento, e ainda o senso do tempo, o senso da espera. Se uma presença acolhedora, discreta, disponível se manifestou durante longos meses ou até anos, elas se lembrarão mais tarde. Trabalhamos, em educação, numa escala de longa duração. A eficácia da educação depende de um longo período, e a eficácia verdadeira, em geral, não a vemos.

Insistimos muito a êsse respeito, na atitude de acolhimento e abertura, de disponibilidade e reserva, especialmente no plano religioso.

Temos, sem dúvida, nos nossos pensionatos, moças que não possuem fé, ou que andam em busca da fé.

Quanto mais as jovens se sentirem compreendidas, quanto mais se sentirem amadas tais como são, com suas dificuldades, seus problemas, sabendo que não são julgadas, que não são condenadas, mas são compreendidas, tanto mais haverá esperança de que se abram algum dia. Mas pode acontecer que nunca se abram a nós, mas a outras pessoas.

2 — O modo de ser religiosa — Falamos da situação delicada da religiosa perante leigas. O melhor modo de resolver essa situação será o testemunho de que a vida religiosa é fonte de alegria e liberdade.

De bom grado transponho para nosso caso as palavras de Nietzsche: "Seria necessário que elas me cantassem melhores cânticos, para que eu aprendesse a crer no seu Salvador".

Se damos a impressão de viver sob um fardo, se ruminamos negrumes, ou se passamos nosso tempo em críticas, nunca daremos o testemunho de que a vida religiosa é uma libertação.

Desempedida das preocupações materiais, despreendida de si, livre de

preocupações sentimentais, o coração a transbordar do único Amor, e acolhedora a tôdas, começando pelas mais pobres, pelas que menos agradam, entregue inteiramente à vontade do Mestre, será impossível não aparecer como habitada por uma alegria interior e profunda. Todos sabem que irradiamos muito mais pelo que somos, do que pelas palavras ou pelas ações.

Respeito à vontade dos leigos — Outra condição para o bom resultado do trabalho da diretora será compreender a vocação leiga das jovens, afim de ajudá-las em suas inúmeras dificuldades. Algumas ainda não descobriram que a fé lhes interessa, e que tudo interessa à fé. É grande o número das que são apenas boas moças. Não têm preocupações metafísicas ou religiosas, amam a vida, gostam do mundo. Devemos persuadir-nos de que para elas, o principal centro de interesse é a vida profana, é o próprio trabalho, ou o modo de obter melhores condições de vida. O próprio futuro, a amizade, o amor, a vida, as relações, os encontros com as outras, tudo isso as leva a se prenderem ao que é simplesmente humano. Devemos saber dialogar com elas, e ajudá-las a descobrir porque nós mesmos já o descobrimos, todo o aspecto positivo do mundo.

Sentido do humano — É possível que grande número de nossos contemporâneos não tenham a sorte de descobrir a realidade do mundo sobrenatural, se, em seu caminho não descobriram cristãos, padres, religiosos ou leigos que tenham manifestado um apreço sincero aos únicos valores em que podem crer, os valores humanos.

Isso é um problema para as religiosas que deverão dar testemunho de uma fidelidade também ao humano. Elas não serão imediatamente um sinal da verdade do Evangelho, mas sinal da autenticidade humana. E é preciso que os que só creem na terra, descubram cristãos que acreditam na terra, para que possam descobrir que a terra e o homem são feitos para Deus. Isso é muito importante. Devemos ser capazes de dialogar, com essas moças, sobre aquilo que lhes interessa. Aliás, elas têm o bom gosto de pensar que o mundo está cheio de coisas boas, mesmo sem terem lido o primeiro capítulo da Bíblia, que no-lo confirma.

Para isso, é preciso que tenhamos uma sã teologia das realidades terrestres, e que tenhamos ultrapassado certas formas de espiritualidade em que o "terrena despiciere" é traduzido por "desprezar as cousas terrestres", enquanto que o seu verdadeiro sentido é o de colocá-las em seu verdadeiro lugar, na justa hierarquia dos valores. Deus é o supremo valor, mas tudo em relação a Ele tem também seu valor.

Uma espiritualidade de leigos — Há felizmente, aquelas que melhor compreenderam o próprio cristianismo, e que sentem talvez um chamado à santidade. Devemos estar bem persuadidas de que uma espiritualidade leiga é diferente de uma espiritualidade de religiosa. Os lugares espirituais, se assim se pode exprimir, do leigo e da religiosa, não são os mesmos. Se a religiosa é mais sensível a certos trechos da Bíblia, o leigo é mais sensível a outros. A religiosa há de reter: "se queres ser perfeito, vai, vende todos os teus bens"; o leigo retém: "Dominai o mundo". A religiosa retém: "se tal é a condição do homem com a mulher, é melhor não se casar"; o leigo retém: "sede fecundos". A religiosa retém ainda: "obediência até a morte".

O leigo: "podes comer de tôdas as árvores do pomar, exceto da árvore do bem e do mal". Fica uma grande possibilidade de escôlha.

Esta é uma espiritualidade leiga, que vai ser a transfiguração do trabalho, das relações, do amor, do engajamento no mundo, e que é diversa de uma espiritualidade religiosa.

Uma vocação apostólica do leigo — Finalmente, existem aquelas que descobrem a vocação apostólica. Somos forçados a ver que para muitas delas é precisamente na vida profana que devem descobrir a sua vocação apostólica especial.

O primeiro testemunho que devem dar é através da vida quotidiana; e a primeira forma de vida apostólica que devem descobrir é a utilização da vida profana, dos contatos no trabalho, nos lazeres, os contatos quotidianos entre si, e em tôda a parte. Aqui atingimos a intuição fundamental da Ação Católica, especializada, o apostolado na vida com o semelhante, o apostolado do jovem pelo jovem, no próprio meio.

Quantas vêzes temos de fazer um ato de humildade. Penso, por exemplo, num jecista. Havia cinco anos que eu era seu capelão. Voltando um dia de um passeio, disse-me: "descobri uma cousa formidável. Descobri que a ação católica é cousa que se faz através da vida, e não em reuniões". Respondei: "Há cinco anos que o digo". A luz se tinha feito pelos companheiros, e não por mim.

Temos pois que respeitar-lhes o próprio valor, e não escolher no lugar dêles, ou de servirmos dêles em benefício de nossas obras, mesmo legítimas. Devemos respeitar o laicato querido pela Igreja, para assumir na Igreja uma tarefa de evangelização.

3 — Aceitação de seus limites — O pensionato tem missão importante. No momento em que pessoas se procuram, ou em que jovens vão atingir a vida adulta, o pensionato faça, de certo modo, as vêzes da família. Não é porém a família, como já ficou dito, e a autoridade da diretora não é da mesma natureza da dos pais.

O pensionato é uma instituição da Igreja. Graças a Êle, algumas moças vão entrar em contato com almas consagradas. E, individualmente ou em comunidade, essas consagradas poderão ser sinais da Igreja. Mas têm missão transitória. Um dia verá saírem as moças que acolheu. Pelo casamento ou pelo celibato no mundo, essas jovens deverão situar-se como adultas perante a família que vão fundar, perante o trabalho, a cidade, a Igreja. É importantíssimo para a diretora o verdadeiro sentido de personalidade humana. Que não veja diante de si, indivíduos abstratos, abstraídos da família, do próprio meio, das condições dêsse meio, das mentalidades e comportamentos coletivos, das condições de trabalho.

Que as diretoras estejam animadas de verdadeira filosofia da pessoa, da pessoa inserida em grande número de comunidades naturais, em que tem, o seu papel a representar.

Como qualquer comunidade, o lar deve relacionar tudo a si mesmo. Que seja uma comunidade aberta. A pessoa precisa, para desabrochar, para

fitmar-se, para conquistar sua liberdade, ser participante de grupos, que correspondam às suas necessidades, e onde possa exercer uma tarefa própria, em harmonia com os outros.

A aceitação desses limites é talvez uma das formas do voto de pobreza: aceitação de colaborar com os outros grupos, a família, a paróquia, os movimentos de jovens. Isso faz supor certa abnegação e certo desprendimento.

Essa tarefa, cujas dificuldades não dissimulamos, é delicada. A religiosa precisará haurir, precisamente em sua consagração, a força de o realizar. No voto de pobreza, tirará esse sentido de disponibilidade, de abertura, de desprendimento perante os resultados imediatos. No voto de castidade, achará a alegria interior, bem como a possibilidade, sempre renovada, de acolhimento a todos aqueles que voltam, de acolhimento desinteressado, de amor desinteressado. No voto de obediência, achará a fidelidade às orientações apostólicas da Igreja, que a impedirão de realizar os seus próprios projetos, de se preocupar com suas obras, ou simplesmente de sua comunidade, e lhe permitirá ajudar cada um a descobrir seu lugar na Igreja, respeitando a liberdade do Espírito Santo, pois não se trata apenas de uma tarefa humana, mas de tarefa apostólica.

O pecado em nós e em torno de nós é o obstáculo fundamental, bem o sabemos. Esse inimigo, lembrou-nos o Senhor, se vence pela oração e pela penitência. Nessa certeza é que nossa imolação, nossa oração e a da comunidade, são armas decisivas, embora invisíveis, do sucesso. Nela é que hauriremos a força de sempre recomeçar, sejam quais forem as dificuldades, sejam quais forem os malogros aparentes.

DEPARTAMENTO DE VOCAÇÕES

O ENCONTRO VOCACIONAL DE S. PAULO (9-11 de Janeiro de 1963).

O Departamento de Vocações da CRB promoveu uma reunião de pessoas interessadas pelos problemas ligados com o cultivo das vocações. A sessão, que durou três dias, teve lugar no Colégio Sion, em S. Paulo, na vasta sala gentilmente colocada ao nosso dispor pelas Religiosas de N.S. de Sion.

A idéia deste encontro nasceu assim: no mês de setembro passado, o departamento de vocações lançava um inquérito entre os participantes do curso dado em S. Paulo, no mês de fevereiro de 1961, pelo R.P. Bortoni. Mostraram as respostas o grande interesse suscitado pelo curso, o desejo de um novo encontro, a variedade dos problemas vocacionais que os consultados esperavam ver abordados nas colunas da nossa revista.

Pensou-se que se poderia pedir aos autores das sugestões desenvolver os temas por eles indicados no quadro, não mais dum curso, mas dum encontro mais informal.

Graças em particular à dedicação engenhosa de Frei Paulo Assis, O.F.M. da Seção Estadual de S. Paulo, mais de 160 Sacerdotes seculares e regulares e de irmãos, assim como uma vintena de Religiosas, reuniram-se a 9 de janeiro, sob a presidência de Sua Excia. Revma. Dom Vicente Zioni, DD. Bispo Auxiliar de S. Paulo e secretário da Comissão episcopal das Vocações. Sua Excelência dignou-se brindar-nos com uma palestra de introdução, em que frisou alguns dados numéricos dos problemas vocacionais de hoje, não só no Brasil, mas ainda no mundo.

O roteiro das palestras foi o seguinte:

- 1º dia: Pe. Alfredo Carrara de Melo, S.D.B.: "Círculos Vocacionais: organização, direção, critérios de admissão e exclusão; reuniões com os pais de circunistas;"
- Dom Vicente Zioni expôs o sistema de recrutamento em vigor na arquidiocese de S. Paulo;
 - Frei Marcelo Gomes, O.F.M.: "Preparação para o seminário menor na cidade e na zona rural";
 - Pe. Olímpio Ferreira, S.D.B.: "Catecismo vocacional, formação de coroinhas, reuniões de coroinhas".
- 2º dia: Pe. Coelho, S.J.: Critérios para a moralidade exigida num vocacionável: quando descartar definitivamente? quando esperar? Seleção".
- Cônego Gilberto Lopes: "Como preparar para o sacerdócio sem inutilizar para a vida? Papel do padre espiritual".
 - Pe. Mac Cabe, S.D.B.; presidente da seção vocacional da Conferência Argentina dos Religiosos: "A contribuição do método do Pe. Potier: "Apostolos de Jesus e de Maria", para formar o espírito apostólico nas escolas católicas.
 - Pe. Leising, O.M.I.: "Sustento dos seminaristas pobres".
- 3º dia: — Pe. Magalhães, S.J.: "Como conseguir mais vocações de ginásios e colégios";
- Pe. Olímpio Ferreira, S.D.B.: "Organização de secretarias vocacionais das províncias religiosas".
 - Cônego Gilberto Lopes: "Idade evolutiva e respectivos valores do sacerdócio";
 - Pe. Russo: "Relações, no plano vocacional, dos Religiosos com a CNBB e com as dioceses".

Algumas destas palestras aparecerão nas colunas desta Revista.

Não será possível, infelizmente, publicar os debates, muito animados, que seguiram. Numerosos Padres tomaram a palavra, outros não o fizeram, não por falta de matéria, mas por falta de tempo. Todos poderão enviar-nos as reflexões ou informações que desejariam ver publicadas acerca dos temas tratados, ou mesmo de outros conexos. Foram aprovados conclusões cujo texto anexamos a esta comunicação.

A Conferência dos Religiosos do Brasil estará sempre pronta a favorecer semelhantes encontros vocacionais no plano regional; com efeito, os gastos atuais das viagens impediram com certeza numerosos participantes do N.

Este de vir até S. Paulo, embora tivessem sido presentes pessoas do Recife, do Maranhão, de Curitiba e do Rio Grande do Sul.

Não queremos encerrar êste breve relatório sem aludir à magnífica intervenção final de Dom Emílio Jordan, O.S.B., presidente da Secção Estadual de São Paulo, que sublinhou a necessidade de cultivar vocações no meio estudantil e de lhes preparar o terreno por meio duma apresentação muito viva do cristianismo, relacionada com os problemas contemporâneos.

Nem seria possível não mencionar as preciosas intervenções orientadoras feitas no decorrer dos debates por S. Excia. Dom Vicente Zioni, que muito esclareceram os assuntos tocados.

CONCLUSÕES DO ENCONTRO VOCACIONAL DA CRB EM SÃO PAULO

- 1 — Para multiplicar o número das vocações é necessário criar um ambiente apostólico nas famílias por meio dos alunos guiados por seus mestres.
Como meio prático para conseguir êste fim, sugerimos o sistema do Pe. Potier: "Apóstolos de Jesus e Maria".
- 2 — Para conseguir mais vocações num colégio, deve organizar-se uma pastoral de conjunto da vida eucarística dos alunos (renovação catequética, aulas especiais, padre espiritual, direção do colégio e retiros orgânicamente orientados para valorizar a comunhão diária).
- 3 — Sendo os círculos vocacionais ótimos meios para despertar e cultivar as vocações, compensaria, sem negligenciar outros trabalhos apostólicos, fundá-los nos colégios e nas paróquias.
- 4 — Como um dos meios para fomentar, descobrir, selecionar e preparar vocações, sobretudo para as Escolas Apostólicas e Seminários Menores, procuremos cultivar grupos de coroinhas ou acólitos bem cuidados e bem numerosos, conforme as possibilidades.
- 5 — Promover melhor preparação e seleção dos candidatos ao Seminário pelos meios seguintes: grupos permanentes de preparação nas cidades, cartilha vocacional no interior e estágio do conjunto de candidatos em determinado local para observação.
- 6 — Para formar sacerdotes, sem incapacitá-los para a vida, é preciso valorizar o homem, promover o cristão, e colocá-lo em condições de opção livre e alegre dos caminhos do sacerdócio, segundo a graça e o apêlo de Deus.
- 7 — O adolescente não é mais criança e ainda não é um adulto. Por isto, a instabilidade é uma característica constante na afirmação de sua personalidade. Os educadores devem ser fôrma, modelo. Agir com bondade e compreensão; estar presente e dar testemunho da alegria de quem se acha realizado.
- 8 — A organização do Apostolado Vocacional nas Províncias Religiosas: Um meio concreto e mais eficiente para enfrentar as causas próximas.

do pouco rendimento vocacional (tais como deficiências no interesse do clero pelo apostolado vocacional, deficiências nas preparações dos vocacionados antes do seminário e de suas famílias, deficiências na formação seminarística) seria a criação de "Secretariados Vocacionais" como órgãos vivos da Província com dirigentes, ideologia, e meios para incentivar e organizar o apostolado em toda a Província.

Um Núcleo Seccional exemplar

Temos, em nossa Arquidiocese 23 Congregações religiosas, 2 Institutos Seculares, num total de 81 casas. Na sede, Campinas, temos 17 Congregações, 2 Institutos Seculares, num total de 37 casas. Em 1961, havia na cidade 507 professas e 147 postulantes e noviças, dos três noviciados da cidade.

Após o curso "Movimento por um Mundo Melhor", promovido em julho do ano passado, por nosso Arcebispo Dom Paulo de Tarso Campos, orientado pela equipe nacional do Movimento, sentimos mais a responsabilidade de formarmos uma força vital na Igreja. Necessidade de nos conhecermos, de nos unirmos, de juntas enfrentarmos as dificuldades.

Começamos o trabalho. Houve um planejamento e a divisão das Irmãs por equipes: educadoras, hospitalares, obras sociais e catequistas. Cada equipe tem uma religiosa coordenadora e todas as equipes formam com a coordenação geral, a equipe central, assistida por um Sacerdote. Cada dois meses há um encontro geral para todas as Religiosas da Arquidiocese; é uma tarde de revisão das equipes, tarde de estudos, de afervoramento espiritual e para maior entozamento entre as Religiosas.

No Natal do ano passado, numa das casas religiosas da cidade, celebramos o "Natal Comunitário". Durante o Advento, uma comunidade rezou por outra e na festa do Natal proclamaram para quem rezaram. Cada comunidade presenteou uma outra com um livro e este encontro terminou com um cântico falado diante do presépio, seguido de um lanche.

Neste ano de 1962, os encontros gerais estão se aperfeiçoando. Na festa da Santíssima Trindade, todas as Religiosas, depois de uma palestra feita por um Sacerdote, cantaram a Missa IV, com as partes móveis no próprio. A Missa cantada foi vespertina e as Religiosas comungaram na mesma.

O nosso último encontro, em agosto deste, teve como motivo o Concílio. As comunidades preparam assunto, mediante perguntas e bibliografia enviadas, possibilitando ser a reunião sob a forma de círculo de estudo sobre o assunto. Uma Religiosa de cada Congregação foi dirigente de um dos dez círculos, que resultaram um proveitoso plenário. Fizemos na capela do Colégio onde nos reunimos, antes da Bênção do Santíssimo, uma celebração sobre a Igreja, terminando assim o encontro. Houve lanche de confraternização. A esta reunião compareceram 155 Religiosas.

Agora estamos nos preparando para um encontro geral na festa de Cristo Rei. Será na Santa Casa e a reunião será feita em torno do discurso de

João XXIII, dirigido às Religiosas em 2/7/1962. Cada comunidade irá estudar e no dia da reunião irá ser discutido em círculos e, à luz desta mensagem, iremos nos preparar para o natal deste ano.

Iremos dando na Revista da C.R.B., a título de informação, nossas tentativas e experiências. Hoje falamos das reuniões gerais; em outros artigos iremos apresentar os trabalhos das equipes.

Pedimos à Virgem Imaculada que continue guiando nossos trabalhos e purificando nossas intenções. Trabalhamos para a Igreja e deixamos a ela as alegrias da colheita.

Irmã Maria Rita de Nossa Senhora, M. J. Cr.
Secretária do M.M.M.

BIBLIOGRAFIA

AZZI, RIOLANDO, *Ascensão ou decadência da Igreja?* — Editôra das Américas S. A. Edameris — São Paulo, 1962, pág. 301.

O livro, embora dê uma visão panorâmica da Igreja Católica no decorrer dos séculos, seguindo-lhe as aparentes descidas e gloriosas subidas, não pretende ser um manual da história eclesiástica. O empenho principal do autor é mostrar a vitalidade divina da Igreja que sofreu os maiores ataques e ultrages desde os primeiros séculos até o dia de hoje, da Igreja que viu tanta coisa humana no seu seio, que chocou e escandalizou a muitos, mas mesmo assim resplandeceu sem mácula e sem ruga. Coisas que orgulham os católicos e causam espanto ou, quem sabe, admiração aos não católicos. — Em 10 capítulos, subdivididos em numerosos parágrafos trata sob títulos os mais originais (A Virgem dos

cabelos longos, os sonhos do arqueólogo. A ilha dos Santos. O segundo Elias. O papa mago. A era do Anticris. Ação social. O problema operário; para lembrar apenas alguns dos mais expressivos) do caminho percorrido pela Igreja de Cristo, desde as perseguições romanas até à restauração piana do século XX, concluindo com o segundo Concílio Ecumênico do Vaticano. — O conhecido autor ilustrou bem a palavra do imortal Papa Pio XII, de 7 de setembro de 1955: "A Igreja Católica é ela própria um fato histórico. Como uma potente cadeia de montanhas, ela atravessa a história dos últimos dois milênios. Seja qual for a atitude a seu respeito, é impossível evitá-la".

F. X. B.

Outras publicações enviadas à Redação

Arlindo Drummond Costa. *A NOBREZA ESPIRITUAL DE DOM AQUINO CORRÊA*. São Paulo, Livraria Teixeira, 1962. 326 págs., 16 fls. ils.

Riolando Azzi. *ASCENSÃO OU DECADÊNCIA DA IGREJA?* São Paulo, Editôra das Américas, 1962. 304 págs.

CATALOGO DE OBRAS SOCIAIS DE FORTALEZA. Fichário central de Obras Sociais do Ceará. Ceará, Imprensa Oficial, 1962. 324, XIV págs.

Nihil Obstat

Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1963.

Pe. Frei Jacinto de Palazzolo OFM Cap.

Censor Eclesiástico.